

ANO DO
CENTENÁRIO

Ave

REVISTA MENSAL
julho 1998 2,50

MARIA

**EDUCAR
PARA A VIDA**



**CONTROLE
O BOTÃO**



**A LINGUAGEM
MÍSTICA DA BÍBLIA**



**COMUNICAÇÃO: DIÁLOGO
ENTRE EMISSOR E RECEPTOR**

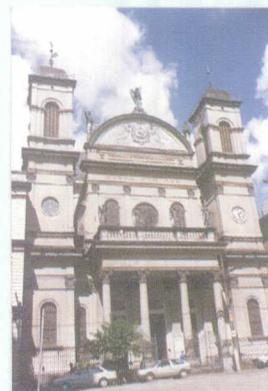




Estampa de Claret,
datada de 1857.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

(Filhos do I. Coração de Maria)
150 ANOS



Santuário Coração de Maria, São Paulo.
Inaugurado em 2 de fevereiro de 1899.

Há 150 anos, Santo Antônio Maria Claret e mais cinco companheiros, no dia 16 de julho de 1849, às 15:00h fundaram em Vich, Espanha, a Congregação dos Missionários Claretianos. Nesse período, o continente europeu passava por profundas transformações sociais, políticas, culturais, religiosas, etc. Existia uma necessidade muito grande de missionários que pudessem, nesse contexto, anunciar e testemunhar a mensagem cristã.

A Congregação Claretiana nasceu com o objetivo de “buscar em tudo a glória de Deus, a santificação de seus membros e a salvação dos homens de todo o mundo conforme seu carisma missionário na Igreja.” Isto tudo faz com que os Missionários Claretianos, seguindo a Cristo em comunidade missionária, preguem o Evangelho a toda criatura, por todos os meios possíveis, indo pelo mundo inteiro e trabalhando em comunhão com os pastores da Igreja.

A Congregação Claretiana é formada por sacerdotes, diáconos, irmãos e estudantes. Inicialmente ela permaneceu na Espanha e pouco a pouco foi se expandindo pela Europa e por outros continentes. Atualmente, ela conta com quase 3.000 membros e está presente nos cinco continentes: Europa, Ásia, África, América e Oceania.

O trabalho missionário dos Claretianos é desen-

volvido nas mais diversas áreas de atuação da Igreja: evangelização, pastoral, missões, formação de agentes de pastoral, formação de sacerdotes e religiosos, Meios de Comunicação Social e boa imprensa, educação, promoção humana (asilos, creches, centros sociais, casa para recuperação de drogados).

Os Missionários Claretianos chegaram, ao Brasil, no ano de 1895. Inicialmente permaneceram em São Paulo e posteriormente foram para outros Estados. Atualmente, estão presentes, além de São Paulo, no Rio Grande do Sul, Paraná, Mato

Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Brasília e Rondônia.

Celebrando e agradecendo todos os benefícios concedidos por Deus aos Missionários Claretianos, a Congregação iniciará o seu período jubilar, em comunhão com o grande jubileu da Igreja Universal no dia 24/10/1998 e terá o seu fechamento no dia 07/05/2000, dia do 50º aniversário de canonização do fundador dos Missionários Claretianos, Santo Antônio Maria Claret.

A Revista *Ave Maria*, que faz parte das ativida-

des da grande Família Claretiana, quer louvar a Deus por estes 150 anos de serviço missionário e solicita a todos os seus leitores que orem a Deus pelos Missionários Claretianos, para que eles continuem sendo fiéis aos objetivos da Congregação, de modo especial, no serviço a todos os que são excluídos do Reino.



Estampa datada de 1926, nos 77 anos da Fundação da Congregação Claretiana. Claret ao centro com os cofundadores: Manoel Vilaró, Domingos Fábregas, José Xifré, Jaime Clotet e Estevão Sala.



4. *A IGREJA NO MUNDO*
NOTÍCIAS
6. *PALAVRA DO PAPA*
O RESPEITO PELA VIDA
7. *EDUCAR PARA A VIDA*
ELIAS LEITE
8. *CAMPANHA DA FRATERNIDADE*
SOCIEDADE ALTERNATIVA
JOÃO BATISTA LIBÂNIO
9. *COMUNICAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE*
EMISSOR E RECEPTOR
FREI BETTO
11. *CONTROLE O BOTÃO*
PE. ZEZINHO
12. *DOS BELISCÕES "DE FRADE" À*
PAIXÃO PARA ALFABETIZAR ADULTOS
JOSÉ CARLOS SALVAGNI
15. *REFLEXÃO BÍBLICA*
A LINGUAGEM MÍSTICA DA BÍBLIA
GERALDO ARAÚJO LIMA
18. *O CRISTIANISMO NO IMPÉRIO*
ROMANO
RONALDO MAZULA
21. *MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR*
NOSSA SENHORA DE BOLONHA
ROQUE VICENTE BERARDI
22. *SANTOS - TESTEMUNHO*
DE VIDA CRISTÃ
HENRIQUE II e CUNEGUNDES
SÃO CRISTÓVÃO
RONALDO MAZULA
24. *CARTAS*
25. *MEU LAR, MINHA ALEGRIA*
WIMER BOTURA JR.
26. *CULINÁRIA*
YVONNE BARROS OLIVEIRA
27. *LITURGIA DA PALAVRA*
32. *RELENDO A BÍBLIA*
SOFONIAS
NORMA TERMIGNONI
33. *DIVERTIMENTOS*

O mundo é uma bola

As atenções de mais de 2 bilhões de pessoas ficaram voltadas, durante um mês, para a disputa de uma bola. Mais precisamente para a disputa de uma taça de campeonato mundial de futebol, a Copa do Mundo.

Graças à globalização da comunicação, em momento real, os entusiasmados com o futebol puderam acompanhar de perto os lances mais disputados, mais curiosos, mais duvidosos com detalhes jamais vistos. É a tecnologia da comunicação visual que mostra caprichosamente a malícia de uma falta e também o humilde, quase acanhado gesto de fé do atleta. Muitos comentaristas e analistas esportivos mudaram suas opiniões diante da reprise que a tecnologia eletrônica propicia.

A terra enredada por satélites e encoberta por antenas torna-se pequena aldeia. Num simples toque de botão pode-se "viajar": visitar o Vaticano, e receber, emocionados, a bênção papal; ou a muralha da China e ver o acenô do turista presidente norte-americano; passear nas estepes tropicais africanas, próximo dos elefantes ou, nos gelados pólos, junto às focas e pingüins. Mais um clique e estamos no banco de reservas da seleção canarinho. Haja coração!...

Isso tudo, como popularmente se diz, faz nossa cabeça. Estamos e não estamos ao mesmo tempo, somos e não somos ao mesmo tempo.

Nesta edição o papa João Paulo II em "O respeito pela vida" (p.6) expressa sua preocupação e mostra a posição cristã ao dizer: "O progresso econômico e social não pode ter um fundamento firme e esperanças concretas, se na sua base se encontra o desconhecimento do direito à vida".

Em "Educar para a vida" (p.7), Elias Leite destaca que a tecnologia ajuda na educação, mas o fundamental é a afetividade. Não somos um número; somos humanos, precisamos sentir-nos e realizar-nos como tais, no corpo e no espírito.

A ideologia neoliberal que privilegia a tecnologia tem como objetivo o lucro, o número, mesmo em detrimento do humano. Em "Sociedade alternativa" (p.8) João Batista Libânio mostra por que a ideologia neoliberal é anticristã e antidemocrática.

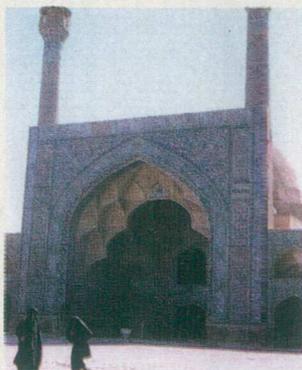
Na sequência do artigo "Comunicação: Diálogo entre emissor e receptor" (p.9), Frei Betto, nos alerta para o espírito do Evangelho que nos quer participantes e não espectadores, dentro do jogo da vida e da sociedade, atuantes e transformadores.

Em "Controle o botão" (p.11), Pe. Zezinho dizendo da todo-poderosa babá eletrônica, aconselha aos pais a serem livres e a ensinarem aos filhos a liberdade de ligar e desligar a TV na hora certa. Dentro dessa ótica a educação, como propõe a Campanha da Fraternidade, transcende a ampliação de vagas nas escolas, é um processo permanente de descoberta e exercício da liberdade. Resgata passos importantes dessa história a continuação do artigo de José Carlos Salvagni (p. 12).

Nosso mundo é uma bola, mas não para ser chutada por alguns para a direção que quiserem. A vida humana não é um esporte, em que vence o mais forte ou o mais esperto, ela é um dom de Deus. A mídia que mostrar isso, estará educando para a solidariedade e para a justiça. Caso contrário, estará fazendo nossa cabeça para pensarmos, sentirmos e agirmos como robôs.

P.C.G.

RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS



“As grandes religiões monoteístas não estão em contraste com os Direitos Humanos, ao contrário, dão a esses o seu necessário fundamento”; é o que foi declarado durante o Encontro realizado no mês de junho no Centro Islâmico Cultural, em Roma, que teve como tema “Religião e Direitos Humanos: disparidade, harmonia ou hostilidade, o caso do Islamismo e do Cristianismo”. O encontro foi promovido pela universidade norte-americana de Harvard e pela “Liga Islâmica Mundial”.

PRÊMIO DA PAZ 1998

Foi outorgado a Kofi Annan no mês passado, em Nova York, “por seu valor, criatividade e persistência na busca da reconciliação e da paz no mundo”, o Prêmio Metodista. Segundo Frances Alquire, presidente do Conselho Metodista Mundial, Annan reconheceu a relação do desenvolvi-

to global, os Direitos Humanos e a solução pacífica dos conflitos.

Já receberam esse prêmio os ex-presidentes Jimmy Carter (EUA-1985) e Mikail Gorbachov (antiga URSS-1990), e o líder eclesialístico da Galiléia, Elias Charcour (1994). Annan trabalhou vários anos na ONU, nas áreas de pacificação, finanças, recursos humanos. Desde 1996 é secretário-geral da ONU.

O prêmio será entregue no decorrer deste ano perante líderes da Igreja Metodista e do Movimento Ecumênico e personalidades civis. A escolha foi feita por um júri de 20 integrantes do Conselho Metodista Mundial.

SINAGOGA EM AUSCHWITZ

Serão abertos na cidade-símbolo do holocausto, no sul da Polônia, um centro cultural e uma sinagoga. Ambos servirão como testemunho da vida judaica desde a Segunda Guerra.

Um dos sobreviventes, Thomas Lantes, que perdeu sua família no holocausto, diz tratar-se tanto de “uma homenagem aos mártires, como um vínculo entre pesadelos do passado, perigos do presente e a esperança do futuro. O Centro Cultural será como um “lugar de reflexão para os que viram a morte e a destruição”. Cerca de 500

mil pessoas visitam anualmente os campos poloneses de Auschwitz e Birkenau.

SEMANA SOCIAL NA BAHIA

Cinco Paróquias da Diocese de Feira de Santana (BA) realizaram a 3ª Semana Social Brasileira, com a participação de sacerdotes, religiosos, prefeitos, vereadores, secretários municipais, sindicalistas e lideranças comunitárias, totalizando 1.028 participantes.

Foram debatidos temas como cidadania, eleições, seca, habitação, reforma agrária, desemprego, agricultura familiar, justiça e solidariedade. No encerramento, Dom Itamar Vian, bispo local, destacou a importância de as comunidades se unirem em torno do resgate das dívidas sociais e da defesa da vida.

REUNIÃO EM ROMA



Encontraram-se em Roma, entre os dias 15 e 20 do mês passado, membros de uma Comis-

são Mista para o diálogo teológico entre as Igrejas Católica e Ortodoxa. Foi uma reunião preparatória para o plenário do comitê, que está programado para 1999. O cardeal Edward Iris Cassidy e o arcebispo grego ortodoxo Stylianos, da Austrália, presidiram a reunião. Encontraram-se também os Patriarcados Ortodoxos de Constantinopla, Grego-ortodoxo de Alexandria e de toda a África, Antioquia e os Patriarcados de Moscou, Sérvia, Romênia e Igreja Ortodoxa grega.

RECUPERAÇÃO DE TÓXICO-DEPENDENTES

Realizou-se em Jaci, Diocese de São José do Rio Preto (SP), no início de junho, o 2º Encontro de Instituições que Trabalham na Prevenção e Recuperação de Tóxico-dependentes. O objetivo do encontro foi trocar experiências entre as instituições que atuam nessa área; refletir sobre os encaminhamentos necessários para a formação de uma Pastoral dos Tóxico-dependentes e aprofundar temas como: prevenção, espiritualidade, laborterapia. Participaram 60 pessoas representando 30 instituições de diversas regiões do Brasil.

Foi eleita uma equipe articuladora para implementar essa pastoral. Sua primeira tarefa é fazer um



levantamento de experiências sobre o assunto, vividas nas Dioceses. Segundo sugestões dos participantes, esta pastoral deveria chamar-se Pastoral de Prevenção e Recuperação em Dependência Química.

93 MIL MISSIONÁRIOS

Este é o número de missionários católicos que trabalham fora de seus países de origem, concluiu a Conferência Episcopal Francesa. São 66.700 europeus, o que corresponde a 72% do total. A América Latina, África e Ásia respondem por 18% dos missionários em missão além-fronteiras. A Espanha é o país com maior número de missionários, enviando 22 mil a diversas regiões de missão.

A maior surpresa da pesquisa refere-se ao continente asiático: a Ásia envia um número maior de missionários do que recebe. Os dois países com maior número de vocações missionárias são a Índia e as Filipinas. Entre os países que recebem maior número de missionários estão a França, a Bélgica e os Estados Unidos.

ARCEBISPO TENTA EVITAR GUERRA

O arcebispo de Shkodër, Dom Ângelo Massafra, pediu a cooperação internacional para ajudar milhares de refugiados

que chegam ao norte da Albânia, para fugir da ofensiva sérvia na região do Kosovo, na Iugoslávia, área onde a maioria da população é de origem albanesa. Até agora são 12 mil pessoas do Kosovo que, em busca de segurança, chegaram ao campo de Tropoja, área de jurisdição de Dom Massafra. "Esta situação se converteu numa bomba-relógio que pode explodir a qualquer momento", disse o prelado. Cada dia, centenas de famílias cruzam a fronteira da Iugoslávia para chegar à Albânia, fugindo dos massacres das forças de segurança sérvias.

10 ANOS CONSTRUINDO CIDADÃOS



O Projeto Providência, que atende cerca de duas mil crianças e jovens na periferia de Belo Horizonte, MG, está completando dez anos de existência. O Projeto, criado por um padre daquela Arquidiocese, tem como proposta oferecer a crianças e jovens carentes a oportunidade de um futuro melhor através de educação, cursos profissionalizantes e amor. As cri-

anças e adolescentes recebem apoio escolar, alimentação, tratamento dentário, iniciação à leitura e à escrita, formação sócio-política-religiosa, esporte. A manutenção

do Projeto se dá através de doações de entidades internacionais, órgãos públicos, empresas privadas, bem como da promoção de bazares e pessoas físicas.



Ave MARIÁ

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob nº 22.669, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos

Diretor: Cláudio Gregianin (MTB nº 14.696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Redação, diagramação: Avelino S. de Godoy (MTB nº 14.962)

Revisão: Eduardo Russo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel. (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 36 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Preços: Assinatura - R\$ 20,00. Número avulso - R\$ 2,50

Ligue grátis: 0800-55 5021

Internet: www.avemaria.com.br/revista

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave Maria a todos os seus representantes legais.

NOMES DOS COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Antônio Cesar (SP); Pe. Pedro Jordá; Maria Cristina Almeida Prado, (SP); Luiz Paulo Zago, Araçatuba, (SP).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

"SERVIÇO BÍBLICO"

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet: <http://www2.netpoint.com.br/claretianos/servbib/servbib.htm>



O respeito pela vida

Tópicos do discurso do Santo Padre: “Nenhuma autoridade humana pode justificar moralmente o homicídio do inocente”, a cerca de 8 mil membros do Movimento pela Vida, recebidos em audiência pelo papa, dia 22 de maio.

“**A** humanidade de hoje oferece-nos um espetáculo verdadeiramente alarmante, se pensarmos não só nos diversos âmbitos em que se realizam os atentados à vida, mas também na singular dimensão numérica dos mesmos, bem como no múltiplo e poderoso apoio que lhes é dado pelo amplo consenso social, pelo freqüente reconhecimento legal, pelo envolvimento de uma parte dos profissionais da saúde” (*Evangelium vitae*, n.17).

Vossa presença tão numerosa e convicta é um sinal encorajador, que alimenta a esperança da vitória da verdade sobre as falsas justificações do aborto. E a verdade é que cada ser humano tem o direito à vida desde a sua concepção até à morte natural. Para os crentes, a esperança de que esta verdade se afirme, encontra o seu fundamento em Cristo morto e ressuscitado, que envia o Seu Espírito ao mundo, a fim de infundir coragem e suscitar incansáveis defensores e testemunhas da verdade e da vida.

Hoje, temos motivos de conforto que nos vêm da parte de quantos constataam, no nível político, a falência das leis abortistas, que não só não aboliram o aborto clandestino mas, ao contrário, contribuíram para a ulterior diminuição da natalidade e, por vezes, para a degradação da moralidade pública. Estes dados evidenciam a urgente necessidade de se empe-

nhar na promoção e defesa da instituição familiar, primeiro recurso da sociedade humana, sobretudo no que se refere ao dom dos filhos e à afirmação da dignidade da mulher. Com efeito, não são poucos os que, considerando a dignidade da mulher como pessoa, esposa e mãe, vêem na legislação abortista uma derrota e humilhação para a mulher e para a sua própria dignidade.



À ajuda concreta e a uma específica ação educativa, que envolva a inteira comunidade eclesial, deve corresponder o empenho político pelo pleno reconhecimento da dignidade e dos direitos do nascituro e pela revisão de leis que legitimam a sua supressão. Nenhuma autoridade humana, nem sequer o Estado, pode justificar moralmente o homicídio do inocente. Esta trágica transformação de um crime em direito (cf. *Evangelium vitae*, 11) indica uma preocupante decadência da civilização.

Com efeito, as leis abortistas, além de ferir a lei impressa pelo Criador no coração de cada homem, manifestam uma forma incorreta de democracia, propõem um conceito redutivo de socialidade e revelam uma carência de empenho por parte do Estado em relação à promoção dos valores.

Por outro lado, o progresso econômico e social não pode ter um fundamento firme e esperanças concretas, se na sua base se encontra o desconhecimento do direito à vida. Uma sociedade incapaz de avaliar devidamente a riqueza representada por um filho que nasce, e de apreciar a vocação da mulher para a maternidade, não tem futuro.

No mundo contemporâneo está presente “uma estranha contradição: precisamente numa época em que se proclamam solenemente os direitos invioláveis da pessoa e se afirma publicamente o valor da vida, o próprio direito à vida é praticamente negado e espezinhado, particularmente nos momentos mais emblemáticos da existência, como são o nascer e o morrer” (cf. *Evang. Vitae*, n. 18).

Caríssimos Irmãos e Irmãs do Movimento pela vida, perseverai no vosso corajoso empenho! Todos os vossos sacrifícios e sofrimentos serão recompensados pelo sorriso de tantas crianças que, graças a vós, poderão rejubilar com o dom inestimável da vida.



João Paulo II



Educar para a vida

Elias Leite

Para nossa reflexão e ação, nada mais oportuno que o tema desta Campanha da Fraternidade de 98. Tema tão atual quanto vasto e envolvente, Fraternidade na Educação. Fraternidade é sociabilidade com amor. Educação e civilidade para o exercício da cidadania. É para pessoas. Para gente, portanto.

Os animais se adestram ou se amestram para o homem. O ser humano é educado, civilizado para a vida em sociedade comunitária. É somente a fraternidade iguala os direitos na ausência das leis. E, com elas, as aprimora.

Daí a voz da Igreja vir amplificar os anseios de todos, utilizando o clima para reflexão oferecido pela Quaresma.

Fraternidade na Educação para a Vida.

Educar e conduzir, caminhar com alguém rumo ao ser mais. E isso se inicia desde o ventre materno. A família é o ambiente propício. Os pais são os primeiros educadores. É pela sua natureza os mais conceituados. Daí a responsabilidade.

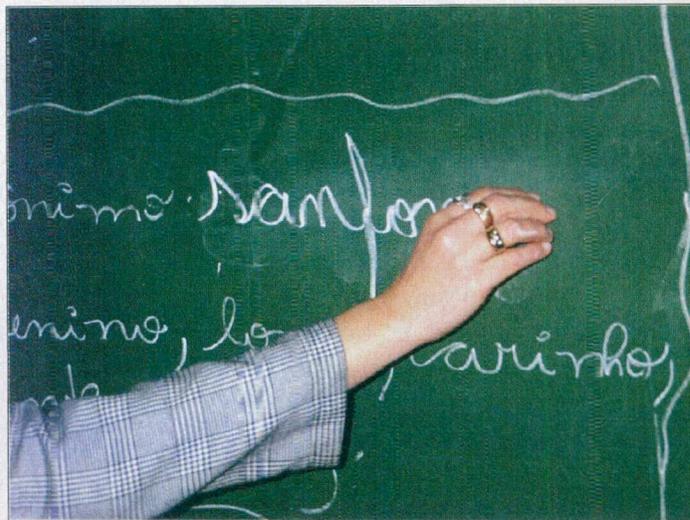
Vem a seguir, a Escola, como extensão do lar, com todos os meios mais modernos, técnicos e pedagógicos que devem ter, para aplicá-los adequadamente. E o ele-

mento fundamental, indispensável na educação é o mestre, o professor, elo de ligação efetiva e afetiva com o educando e a família. Só os livros e os aparelhos, por mais sofisticados que sejam, jamais conseguirão educar plenamente. Educar é humano. A figura do professor merece toda atenção, reconhecimento e recompensa.

Cabe aos governantes, pelos órgãos competentes, levar a sério esta tarefa. Porque, governar é também educar, conduzir, e para isso precisam igualmente ser educados.

A educação envolve o ser humano em toda sua amplitude. Corpo e espírito. A expressão de ambos reflete a pessoa. Educar a pessoa como tal, educa o ser humano. Em todos os seus aspectos. Desde o familiar, o cultural, o sexual e o político, o da saú-

de ao artístico e aos demais. Mas, seria incompleta a educação do homem excluindo-se a religiosa. O homem é um ser intrinseca-



mente religioso. “É um deus caído que sente saudades do céu”, na expressão de Blaise Pascal. Sem Fé, fica só na terra. E perde sua identidade. Sem Deus, torna-se um minúsculo para a Vida. Quase um micróbio. E na Educação para Vida Deus não pode faltar. Deus engrandece e dignifica o homem. Pois à sua imagem e semelhança o criou. É a verdadeira educação religiosa dá sentido à vida e encaminha o ser humano em direção ao semelhante. É a Fraternidade. E encaminha a humanidade em direção ao Criador. Rumo à plenificação da Vida, que só em Deus se encontra.



Elias Leite é sacerdote claretiano, escritor e poeta.

A educação envolve o ser humano em toda sua amplitude. Corpo e espírito. A expressão de ambos reflete a pessoa. Educar a pessoa como tal, educa o ser humano. Em todos os seus aspectos.

Sociedade alternativa

João Batista Libânio

A sociedade neoliberal impõe-se como modelo único e insubstituível. Na frase ousada de F. Fukuyama é o 'fim da história e o último homem'. Já não se pode pensar em nenhuma sociedade alternativa. O socialismo, que pretendia sê-lo, decretou a si mesmo atestado de óbito. Não se vê a que horizonte recorrer no momento atual para pensar uma sociedade alternativa.

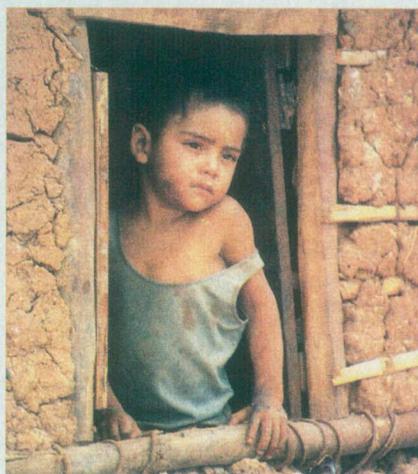
A doutrina social da Igreja, no entanto, insiste na necessidade da utopia de uma "sociedade justa, fraterna, solidária, democrática, a serviço da vida e da esperança". Cada palavra vem pejada de energia, de sentido.

Uma *sociedade justa* reivindica novo tipo de relação social. Em vez de colocar no centro da sociedade os princípios fundamentais do neoliberalismo da maximização do lucro, da competitividade, da eficiência, da relação custos e benefícios, ela estabelece, como primeira prioridade irrenunciável, as necessidades básicas de alimentação, moradia, saúde, educação, trabalho, transporte coletivo e lazer para todos.

A injustiça manifesta-se, sobretudo, na fruição opípara e abundante dos bens materiais e simbólicos por estreitas camadas privilegiadas da sociedade e na sua carência quase total por parte das imensas massas populares.

Portanto, só haverá justiça à medida que se investir, não simplesmente no crescimento do bolo

econômico, mas na sua repartição. E o fato de reparti-lo, cada vez mais obrigará necessariamente a aumentá-lo. Mas, o contrário não tem funcionado. O bolo tem crescido, mas a repartição diminuído



de modo que, cada vez, menos pessoas detêm mais parte da riqueza nacional.

Uma *sociedade fraternal* se decide, não simplesmente pela acolhida afetiva e benquista entre seus membros, mas sobretudo pela qualidade das relações objetivas que se tecem. Essa se mede pelo reconhecimento da igualdade radical entre todos e pela certeza de que os direitos individuais e sociais, e a participação na construção da sociedade sejam garantidos a todos igualmente. Realiza-se assim a única fraternidade verdadeira, baseada na igualdade e no respeito aos direitos invioláveis de cada pessoa.

Evidentemente, a igualdade é uma espada de dois gumes. Colo-

O neoliberalismo vigente caracteriza-se pela sua dinâmica excludente, antidemocrática. Nenhum desenvolvimento econômico por si só realiza o milagre da solidariedade. Antes, ele vem sendo conduzido na linha oposta.

car pessoas diferentes em situações iguais pode ser enorme injustiça. Assim, se se estipulam regras iguais para uma corrida entre um paraplégico e um atleta, cometeremos enorme injustiça. Aquele precisa de uma proteção de que esse não necessita. Desta sorte, a igualdade na sociedade deve ser corrigida, quer por um poêr que vele pelo mais fraco, quer pelo espírito de solidariedade. E aí temos outro traço utópico de uma *sociedade solidária e democrática*.

O neoliberalismo vigente caracteriza-se pela sua dinâmica excludente, antidemocrática. Nenhum desenvolvimento econômico por si só realiza o milagre da solidariedade. Antes, ele vem sendo conduzido na linha oposta. Por isso, somente a solidariedade pode ser real resposta à crescente exclusão.

No ano da Campanha da Fra-



ternidade sobre a Educação, devemos insistir em que um dos pontos fundamentais da exclusão reside na diferença de acesso à educação. Com efeito, na raiz da exclusão está uma questão de privação de saber, que só pode ser superada pela aquisição de um tipo de aprendizagem criativo.

Paulo Freire já insistia, na década de 50 para 60, que um país de analfabetos não pode ser democrático. A democracia implica necessariamente uma base cultural de todos. Mais exatamente, ela se constrói ao mesmo tempo que as pessoas têm seus espaços de liberdade e adquirem acesso cada vez maior ao mundo da cultura. Ambos os fatores são importantes simultaneamente.

Não se pode esperar que um país cresça culturalmente para que só então se introduzam as conquistas democráticas. Mas também não basta, como no nosso caso, ter alguns elementos democráticos, como eleições livres na escolha dos governantes e legisladores, se não se avança no setor da educação. A democracia neste caso permaneceria de maneira muito formal e pouco real.

A Campanha da Fraternidade deixa-nos como última mensagem uma palavra de serviço da vida e da esperança. A educação só existe para a vida. E a vida se alimenta da esperança.



João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor da Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG

Comunicação: Diálogo entre emissor e receptor



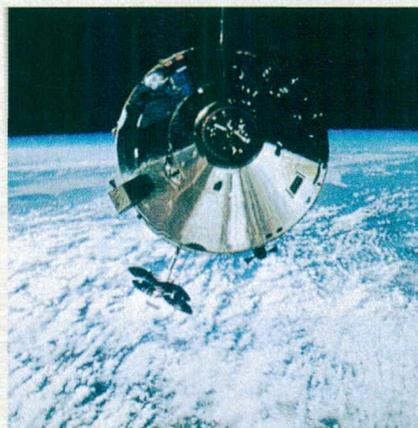
Frei Betto

(Este artigo é a continuação da edição anterior — AM 6)

Informação biológica

A informação é fenômeno biológico. Nossas células não sobrevivem sem as informações transmitidas pelo DNA. São elas que permitem, no feto, desde a formação de ossos e músculos, órgãos e membros, bem como do intrincado sistema de irrigação sanguínea até a fantástica eletroquímica dos neurônios, que fazem do cérebro humano o mais sofisticado e complexo sistema de comunicação.

Tome-se um exemplo: você odeia costeletas de porco fritas.



De repente, aparecem no prato que lhe servem. Numa fração de segundo, seu cérebro decodifica a imagem recebida pelo olho e o cheiro remetido pelo olfato. São costeletas de porco fritas! A memória olfativa soma-se ao odor enjoativo. Você lembra do menino vomitando costeleta de porco frita. A lembrança provoca náuseas, enquanto o cérebro ativa comandos que lhe reduzem o apetite.

Serviço da verdade

Informar é imprimir significado. Para o Evangelho, servir à verdade, dentro de paradigmas éticos que façam com que ela prevaleça sobre a mentira, bem como a luz sobre as trevas, o conhecimento sobre a ignorância, a sinceridade sobre a hipocrisia, a vida sobre a morte.

A mídia presta, em muitas ocasiões, esse serviço, mas, em geral, só quando estão em jogo grandes interesses. Torna inviáveis, por exemplo, as guerras que envolvem nações industrializadas (os EUA metidos com o Iraque dá ibope; o genocídio causado por

conflito entre dois países da África merece poucas linhas...). Em suma, a mídia dá quase nenhuma importância ao cenário captado pelas lentes de Sebastião Salgado (ele sim, sozinho, uma mídia alternativa).

No Brasil, tudo permanece como dantes no quartel de Abrantes... até que a mídia denuncie. Então, o governo toca a exigir mais rigor nos exames de aids, os hospitais convocam pacientes examinados, a polícia reabre o inquérito sobre a morte de bebês em maternidade, o governador Mário Covas promete, mais uma vez, apurar violências praticadas pela polícia de São Paulo.

Efeitos da informação

Do lado do receptor, a informação pode surtir dois efeitos nocivos: fanatismo ou ceticismo. O fanático julga que sua informação traduz toda a verdade. O cético relativiza tudo e considera o mal uma endemia crônica. Para ele, "todo político é corrupto". O cético diz "não quero saber"; o fanático, "já sei tudo".

Nesse sentido, a mídia tem o dever ético/pedagógico de matizar certezas e solapar desesperanças. Deve assumir seu papel de nutriente do espírito. Manter acessos valores humanos como autoestima, solidariedade, justiça e esperança.

David Riesman, sociólogo americano, no livro *A multidão solitária*, analisa o comportamento do

público face à informação. Destaca três atitudes: indiferença, moralismo e coleta de informações como afirmação de status.

O indiferente é o receptor que delega poderes a um canal de mídia (uma TV ou um jornal, por exemplo). Dali ele colhe a infor-



mação como oráculo da verdade. Não lhe passa pela cabeça desconfiar do veículo. Está convencido de que jamais é enganado ou manipulado. Isso engendra nele uma segurança psíquica desprovida de responsabilidade. Ele se abandona ao veículo. Reveste-se de uma apatia que o protege de questionamentos ou da possibilidade de encarar os fatos por uma outra ótica. E ignora que se tornou um ser dócil nas mãos do veículo que elegeu.

O moralista julga que só ele detecta o mal com absoluta precisão. Ainda que não tenha poderes para melhorar o mundo, empenha-se em evitar que o mal se introduza no mundo. Diante dos fatos, ele oscila entre duas reações: indignação ou entusiasmo. Fica indignado diante de tudo aquilo que fere seus princípios morais. Sofre por não impor, à complexidade da vida coletiva atual, os padrões que regem sua conduta pes-

soal. Por isso, entusiasma-se quando assiste à repressão "aos maus costumes". Torce pela censura.

O colecionador de notícias procura "ficar por dentro" de tudo que ocorre nas altas esferas da sociedade. O olimpo do poder o fascina. Ele não gosta de ser considerado "por fora" ou como alguém que "não sabe das coisas". Inteirado do que fazem e como vivem as pessoas tidas por Vips (vide *Caras*), sente-se virtualmente na intimidade do poder. Apropria-se verbalmente da vida alheia.

Todos três são receptores apáticos do ponto de vista do engajamento social. Miram as notícias sem dar um passo para modificar o estado de coisas. São galera, enquanto o campo fica dominado pelos arrivistas, sobretudo políticos profissionais. Assim, instala-se uma espécie de letargia coletiva e a realidade, com todas as notícias maravilhosas e tenebrosas, vira mero cenário.

É como se estivéssemos num teatro personalizado - a poltrona da sala de casa ou a cadeira frente ao computador — com os olhos atentos ao palco. O grave é que, de fato, estamos também no palco e não podemos fugir desse drama chamado história humana.

Fazer da mídia a musa da democracia real, eis o grande desafio nessa virada de milênio.



Frei Betto é escritor e autor dos romances *O Vencedor*, e *Alucinado Som de Tuba (Ática)*, entre outros livros.



Controle o botão

Pe. Zezinho

Não é porque a Igreja Católica agora tem programação religiosa que vou falar mal das outras para exaltar a nossa. Não somos perfeitos. Ainda estamos longe de fazer a televisão que preparamos. Alguém discordaria disso? Então, por que criticar se eles atraem mais gente do que nós? Fatos são fatos. Nós por falta, e eles por excesso, todos usamos mal este veículo que em doses excessivas mais prejudica do que ajuda. É como remédio ou droga. Televisão demais faz mal. Programa errado, também. Se você controla os remédios dos filhos, controle também a televisão da casa.

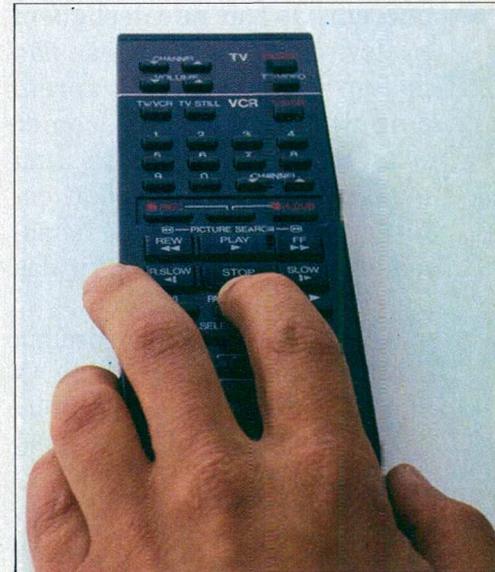
Você ligou a televisão e viu dois homens matarem 12 outros; mudou de canal e viu outra vez três

No curto espaço de quarenta minutos você viu cerca de 80 mortes nos vários canais de televisão, e no mínimo dez ou 12 cenas de alcova, tudo sob o nome de diversão.

cabeça do outro. Voaram pedaços para todo o lado. Um outro, com sua metralhadora de ouro, massacrrou 15 pessoas. Mudou de canal e viu uma mulher sendo espancada no leito por um amante apaixonado. Um filme mostrava duas mulheres nuas disputando o mesmo homem, com erotismo que faria corar o pessoal de Sodoma e Gomorra. No curto espaço de quarenta minutos você viu cerca de 80 mortes nos vários canais de televisão, e no mínimo dez ou 12 cenas de alcova, tudo sob o nome de diversão.

Alguém achou que você se divertiria com violências, sangue, erotismo ou pornografia. Há os que acham que o povo gosta de ver estas coisas. Pelo pontos no índice

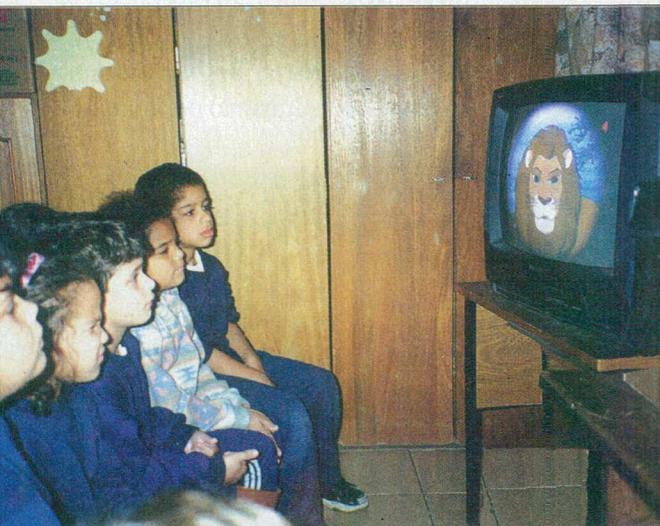
de audiência eles sabem quantos assistem. Por isso, dão estas coisas ao povo sob patrocínio de algum fabricante de roupas, cosméticos, móveis ou do próprio



governo.

Quando a televisão decidiu escancarar as portas do crime, do ódio e da violência, colocá-las bem no seu nariz, ou no de seu filho, ela optou pela diversão doentia. Não admitindo autocensura-se, em nome da democracia, deixou a censura para o telespectador. Digam o que quiserem, o lixeiro pode não ser o culpado de fabricar o lixo, mas se ele sai por aí deixando cair o lixo que recolheu, ele é culpado por espalhar o fedor e a doença pela cidade.

A televisão não é inocente. E quem faz televisão sabe disso porque nenhum deles é ingênuo. A mídia é culpada de espalhar cenas de crime pela cidade inteira: cenas de violência, cenas de desamor e de estupro ou fratricídio. Era mais fácil educar um filho antes. A televisão ao invés de aliada da família tornou-se problema, porque os pais agora precisam



homens matarem 18. Resolveu mudar de canal mais uma vez. Eram 22h50 da noite. Viu um homem degolar o outro com requintes de crueldade. Um estourou a

Dos beliscões "de frade" à paixão para alfabetizar adultos

José Carlos Salvagni

(Este artigo é a continuação da edição anterior — AM 6. Traz uma série de elementos que ajudam no esclarecimento e na formação de opinião diante de tantas informações desconstruídas na Mídia comercial)

Belo projeto brasileiro: educar adultos

Os ensinamentos primário e secundário têm penado no Brasil não apenas por falta de recursos mas também por excesso de reformas e descontinuidade. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, sofreu 24 reformas apenas no período entre 1875 e 1946⁽⁹⁾. Outro grande problema foi o anticomunismo, alimentado pelo governo do país de origem do outrora avançado Colégio Mackenzie, os Esta-

dos Unidos, e de empresários daquele país, que patrocinaram o golpe militar de 1964⁽¹⁰⁾. Contribuíram para esmagar belíssimos movimentos de educação popular, ini-

proteger seus filhos contra a invasão do lar via TV. Antigamente quem queria vê-la saía de casa e pagava para ver. Hoje, a televisão forçou o direito de divulgar o que seus programadores querem. Os pais que desliguem a televisão. Onde pai e mãe não podem vigiar, crianças aprendem desde cedo como comer *sushi* sobre o corpo de uma mulher nua, como assaltar, enforçar, cortar, picar pessoas, matar e, ainda por cima, rir das crueldades que praticou.

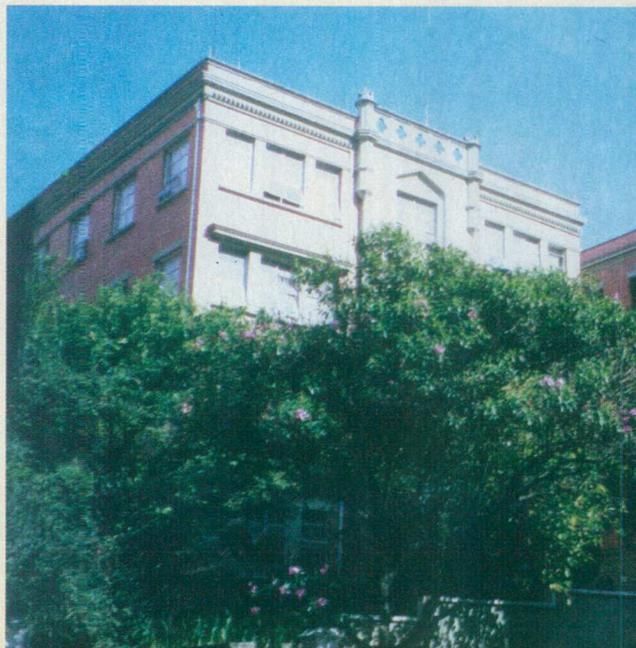
Definitivamente estamos numa sociedade que perdeu o juízo. Alguns dos programadores de televisão têm filhos e netos da idade dos seus.

Talvez seja erro seu, que não sabe comunicar tão bem quanto os astros da telinha. Para alguns, o importante é fazer pontos e por isso comunicar algo que faça o povo olhar. O conteúdo importa menos. De qualquer maneira permitir a um adolescente, em fase tão importante da vida, que gaste horas estirado num sofá, vendo cenas agressivas, desumanas, sem amor é permitir que seu filho se deseduque, porque televisão é uma arma de dois gumes: educa e deseduca.

Aprenda a desligar o botão. Melhor: ensine a seu filho a ligar e desligar o botão na hora certa. Que na sua casa a televisão seja a controlada e não a controladora. 



Pe. Zezinho, José Fernandes, é sacerdote da Congregação "Sagrado Coração de Jesus", escritor, compositor, cantor e conferencista.



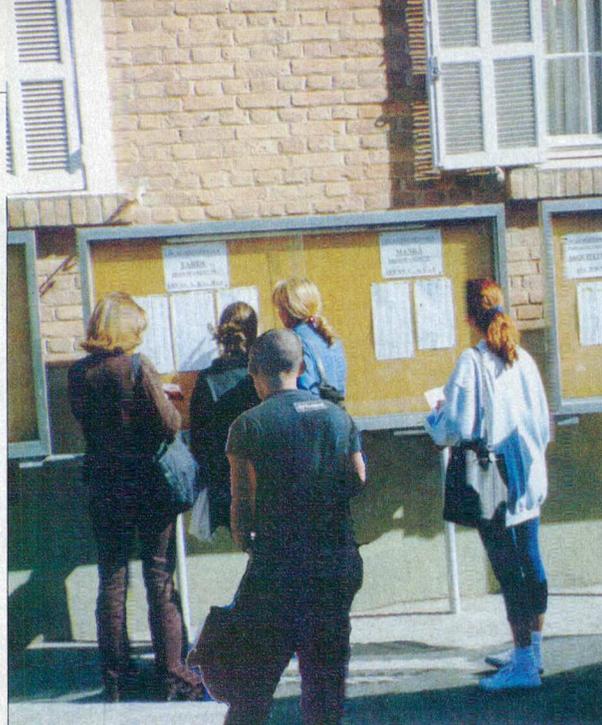
Colégio Mackenzie de São Paulo

ciados nos anos 50, seja em âmbito oficial, seja pela Igreja Católica ou por grupos de esquerda.

A partir de 1930 houve algumas tentativas de alfabetização de adultos. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao voltar à legalidade em 1945, passou a atuar na educação de adultos, por meio de comitês democráticos nos bairros e periferias das grandes cidades e da Universidade do Povo, no Rio⁽¹¹⁾.

Em 1947, o Ministério da Educação criou o Serviço de Educação de Adultos (SEA), promoveu a realização do I Congresso Nacional de Educação de Adultos, e começou a realizar atividades nesse sentido. Em 1951, passou a atuar em cursos de iniciação profissional, e lançou, em 52-53, a Campanha Nacional de Educação Rural. Em 1957, criou o Sistema Radioeducativo Nacional (Sirena), em apoio aos trabalhos em andamento. Em 1958, seis meses antes do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, o SEA lançou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, que durou até 1961. Concluiu-se que a erradicação do analfabetismo passa primeiro pela escolarização primária das crianças, sendo a educação de adolescentes e adultos apenas uma extensão. O essencial é generalizar o ensino primário⁽¹²⁾.

O Papa João XXIII consignava muita atenção às populações pobres e exortou a Igreja no Brasil



a atuar nessa direção. Em 1958 a Igreja Católica no Rio Grande do Norte passou a executar um projeto de educação popular através do rádio, no âmbito do Serviço de Assistência Rural, seguida de Diocese de Aracaju. Disso resultou a criação da Rede Nacional de Emissoras Católicas (Renec), que promoveu um Encontro de Educação de Base em 1960, em Sergipe. Esse tipo de esforço intensificou-se a tal ponto que um encontro em 1963 no Recife reuniu 44 organizações de alfabetização e cultura popular⁽¹³⁾.

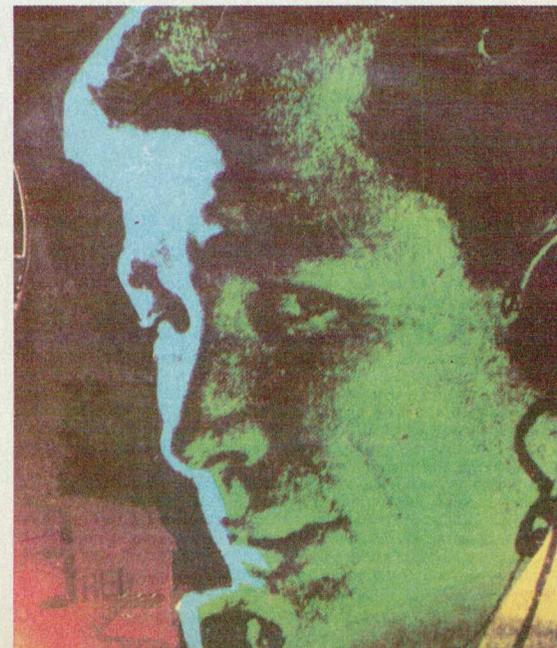
A base desses movimentos todos era aproveitar os espaços disponíveis, onde houvesse, e estender o ensino a todos, de forma simples e compreensível, com os menores custos possível. Uma das grandes ênfases era a valorização da própria pessoa que se alfabetizava, de seu mundo, de sua experiência. Contribuiu muito, para tanto, o pedagogo Paulo Freire, que já atuava na educação de adultos desde a metade da década de 40 e desenvolveu seu famoso método que começou a



aplicar no Centro de Cultura Popular Dona Olegarinha, no Poço da Panela, em Recife, em 1961. A aplicação do método disseminou-se rapidamente pelo País. Como “prêmio” por sua contribuição ao País, Paulo Freire foi preso, exilado e só retornou em 1979. O prefeito de Natal, Djalma Maranhão, que desenvolveu o Projeto “De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler”, entre 1961 e 1964, também foi preso e morreu no exílio.

O MEB, da CNBB, com apoio do Governo

A experiência bem sucedida das escolas radiofônicas da Igreja Católica, em Natal, foi aproveitada pela nascente Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e gerou o Movimento de Educação de Base (MEB), mediante convênio assinado em 1961 com o governo federal. A atuação inicial foi no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em março de 1964 existiam 6.218 escolas radiofônicas em todo o País, número que despencou com o golpe de



Estado, face à dura perseguição. O local das escolas radiofônicas era escolhido freqüentemente pelos próprios candidatos à alfabetização. A escola recebia um rádio, material para acompanhar as aulas, orientados por monitores, que nada recebiam por isso e que sabiam muito pouco mais⁽¹⁵⁾.

O MEB encarava a educação como comunicação a serviço da transformação do mundo, para possibilitar a transformação das mentalidades e estruturas. A educação deve ajudar a alguém a tomar consciência do que é, do que são os outros e do que é o mundo. O "azar" do MEB foi ter aproveitado o mote da Canção do Tamoio, de Gonçalves Dias, e ter adotado como título de sua cartilha o lema "Viver é Lutar". O então governador carioca Carlos Lacerda apreendeu-a em fevereiro de 1964⁽¹⁶⁾, provocando alarde na imprensa, dirigindo, com isso, as iras dos anticomunistas contra o MEB. A partir do golpe de Esta-



do, as sedes do MEB foram vistoriadas pelo exército, que apreendeu as cartilhas e até os receptores de rádio, intimidando os proprietários de locais onde se davam as aulas. Houve até casos em que se obrigou a dar "aulas de anti-comunismo" às equipes. Muitos agentes e mesmo alunos foram presos e espancados⁽¹⁷⁾.

O MEB prosseguiu, mas enfraquecido e descaracterizado. O regime militar lançou, na década de 70, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), aprovei-

tando algumas idéias do Movimento de Educação de Base, inclusive o rádio (Projeto Minerva). Paulo Freire, inspirador também do MEB, pensador católico, de formação jurídica - cujo método foi adotado num grande número de países de vários continentes, influenciando fortemente entidades da ONU - viu suas idéias resgatadas e estudadas novamente em todo o País, em todo o sistema de ensino e não só de adultos, desde o final do regime militar. Foi secretário da Educação do Município de São Paulo na administração de Luíza Erundina. Faleceu há dois anos.



José Carlos Salvagni é jornalista, criador do pequeno jornal "República" (sobre cidadania e reforma agrária).

Bibliografia

⁽¹⁾ Alencar, Chico; Ribeiro, Marcus Venício; Ceccon, Cláudins. Brasil Vivo, Uma Nova História da Nossa Gente, p. 27, Vozes, Vol 1, 16ª edição, Petrópolis, RJ, 1996. Weinberg, Gregório. Modelos Educacionais no Desenvolvimento Histórico da América Latina pp. 17-45, in Desenvolvimento e Educação na América Latina, vários autores, coleção Polêmicas do Nosso Tempo, Cortez Editora e Editora Autores Associados, São Paulo, SP, 1983.

⁽²⁾ Idem, idem.

⁽³⁾ Ramalho, Jether Pereira. Prática Educativa e Sociedade - Um Estudo de Sociologia da Educação, pp. 79-80, Zahar Editores, col. Ciências da Educação, Rio de Janeiro (RJ), 1976.⁽⁴⁾ Andrade Filho, Bento de. História da Educação, pp. 195-206, 2ª edição, Saraiva S/A, Livreros e Editores, coleção de Ensino Normal, São Paulo, SP, 1953

⁽⁵⁾ Idem, pp. 227-231.

⁽⁶⁾ Idem, pp. 81-93.

⁽⁷⁾ De um dos primeiros diretores, C.T. Stewart, em trabalho publicado em 1930. Ramalho, Jether Pereira. Op. cit., p. 90.

⁽⁸⁾ Bandeira, Moniz. Op. cit, pp. 121-124.

⁽⁹⁾ Santos, Theobaldo Miranda. Noções de Sociologia Educacional, p. 205, vol. 4, Companhia Editora Nacional, 11ª Edição, 1968.

⁽¹⁰⁾ Dreifuss, René Armand. 1964: A Conquista do Estado - Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Oglesby, Carl; Shaul, Richard. Reação e Mudança, pp. 103-119, Paz e Terra, Rio de Janeiro (RJ), 1968.

⁽¹¹⁾ Góes, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler - 1961-1964, Uma Escola Democrática", pp. 46-48, col. Educação e transformação, vol. 3, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro (RJ), 1980.

⁽¹²⁾ Idem.

⁽¹³⁾ Idem p. 48

⁽¹⁴⁾ A alfabetização dos 17 mil alunos da Campanha De Pé No Chão Também se Aprende a Ler, de Natal (RN), no período de 1961 a 1964 custou, por exemplo, menos de dois dólares cada. Góes, Moacyr de. Op. cit. pp. 102-103.

⁽¹⁵⁾ Góes, Moacyr de. Op. cit pp. 57-53.

⁽¹⁶⁾ Alves, Márcio Moreira. O Cristo do Povo, pp. 163-211, Editora Sabiá, col. Hora e Vez do Brasil, vol. 1, Rio de Janeiro (GB), 1968.

⁽¹⁷⁾ Idem.



A linguagem mística da Bíblia

“Tu me seduziste, lahweh, e eu me deixei seduzir” (Jr 20,7).

Geraldo Araújo Lima

Certa vez, Jesus foi abordado por alguns discípulos de João Batista, que lhe puseram esta questão: “Por que razão nós e os discípulos dos fariseus jejuamos, enquanto os teus discípulos não jejuam?”

Jesus saiu-se com uma resposta um tanto estranha para nós, hoje: “Por acaso, podem os amigos do noivo estar de luto enquanto o noivo está com eles? Dias virão, quando o noivo lhes será tirado; então, sim, jejuarão” (Mt 9,14-15).

Da resposta transparece que o noivo é Jesus e os amigos do noivo os seus discípulos. Mas... noivo de quem?

De outra feita, foi o próprio João Batista que deu uma resposta semelhante. Alguns discípulos seus o procuraram para fazer-lhe uma advertência: “Rabi, aquele que estava contigo no outro lado do Jordão, de quem deste testemunho, está batizando e todos vão a ele!”.

João retrucou: “Quem tem a esposa é o esposo; mas, o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Esta é minha alegria e ela é completa! É necessário que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,25-30).

Mais uma vez aparece claro no

texto que Jesus é o esposo. Mas... esposo de quem?

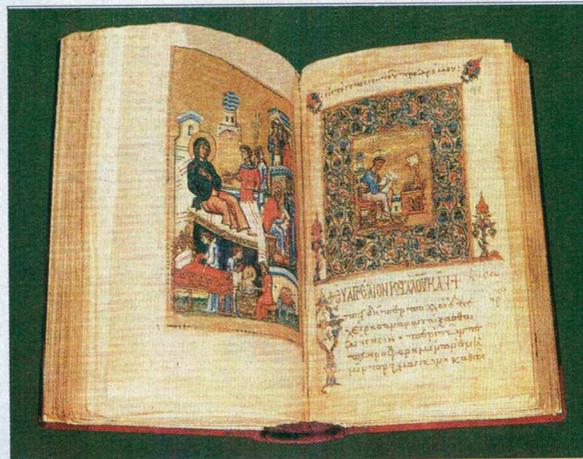
Aliás, as alusões não param por aqui. Conhecemos bem aquela parábola de Jesus, que começa exatamente assim: “O Reino dos Céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias do seu filho” (Mt 22,1ss). Os intérpretes são unânimes em afirmar que o rei é

melhante ao de Deus. Desposai-vos com um esposo único, Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura” (2Cor 11,2).

As coisas vão, aos poucos, adquirindo contornos. João Batista deixa claro que o noivo ou esposo é Jesus, e não ele próprio - que é apenas o amigo do esposo. A esposa, por sua vez, é toda aquela multidão sequiosa de Deus, que antes procurava o Pregador do deserto da Judéia, mas agora se volta para o Profeta da Galiléia (“e todos vão a Ele!”).

Jesus é o esposo, e a esposa serão todos os que foram convidados para as núpcias, desde que estejam revestidos com a veste nupcial (Mt 22,9-11). A noiva ou a esposa será toda a comunidade da devassa cidade de Corinto, desde que tenha renunciado à fornicção, à prostituição e ao adultério, e aderido totalmente a Jesus: “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se faz uma realidade nova. Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo” (2Cor 5,17-18).

Em suma, Jesus é o esposo e a Igreja é a esposa. E é este casal ideal que Paulo propõe como mo-



o Pai, enquanto o filho é Jesus.

Há ainda a parábola das dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo (Mt 25,1ss). A Bíblia de Jerusalém explica logo no rodapé: “As virgens representam as almas cristãs à espera do seu esposo, Cristo”.

Paulo também usa a mesma simbologia, escrevendo expressamente aos cristãos de Corinto: “Experimento por vós um zelo se-

delo do casal cristão: *"Maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho de água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a Si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos... É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja"* (Ef 5,21-32).

Enveredando por este caminho, o Novo Testamento está simplesmente retomando um tema caro ao Antigo. A partir de Oséias, o amor de Deus por seu povo era simbolizado pelo amor do esposo e da esposa. Dentro desta ótica, toda apostasia é considerada como um adultério; toda idolatria, como uma prostituição. É deste modo que Deus condena o mau procedimento do povo israelita: *"Processai a vossa mãe, processai.*

Porque ela não é minha esposa, e eu não sou o seu marido. Que ela afaste do seu rosto as suas prostituições e de entre os seios os seus adultérios" (Os 2,4).

Porém, logo vem a tentativa de se reatar a aliança quebrada; a volta à reconciliação: *"Por isso, eis que vou, Eu mesmo, seduzi-la; conduzi-la-ei ao deserto e lhe falarei ao coração... Eu te desposarei para sempre; Eu te desposarei na fidelidade e no amor e na ternura. Eu te desposarei na fidelidade e conhecerás Iahweh"* (Os 2,16.21-22).

O sonho por Deus eternamen-

te acalentado é ter a humanidade, por Ele carinhosamente criada, como uma esposa fiel, capaz de corresponder ao Seu infinito amor. A cada traição desta, Ele reafirmava Seus compromissos de fidelidade, relembrando os bons momentos de outrora com entonações românticas e nostálgicas: *"Assim disse Iahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, por uma terra não cultivada. Israel era santo para Iahweh, as primícias de sua co-*



lheita" (Jr 2,2-3).

Em pleno exílio da Babilônia, após a destruição total causada por Nabucodonosor, o dêutero-Isaías se apresenta como o Profeta da consolação, conclamando Israel a reatar a aliança com Deus: *"Porque o teu esposo será o teu Criador; Iahweh dos exércitos é o Seu nome... Como a uma esposa abandonada e acabrunhada, Iahweh te chamou; como à mulher da Sua mocidade, que teria sido repudiada, diz o teu Deus: Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão torno a re-*

colher-te. Em um momento de cólera escondi de ti o meu rosto, mas logo me compadeci de ti, levado por um amor eterno" (Is 54,5-8).

Ezequiel dedica a este tema do matrimônio místico entre Deus e o povo eleito dois longos capítulos - o 16 e o 23 -, riquíssimos de metáforas e hipérboles.

Esta é também a tônica do livro *"Cântico dos Cânticos"*, profundamente lírico, que celebra o amor mútuo de um Amado e de uma Amada, que se unem e se perdem, se buscam e se encontram. Embora este livro tenha cau-

sado certa estranheza entre judeus e cristãos por não falar de Deus e por causa de sua linguagem aparentemente erótica, tornou-se com o passar do tempo um arquétipo da literatura mística do Cristianismo, sendo fonte inesgotável de inspiração para os santos do porte de um Bernardo de Claraval, uma Teresa de Ávila e um João da Cruz.

Este último sabia-o de cor, e costumava recitá-lo de joelhos. Aliás, o seu magistral poema *"Cântico Espiritual"* é uma paráfrase do Cântico dos Cânticos, todo ele voltado para o tema do matrimônio espiritual, considerado em suas sucessivas fases de namoro (estrofes I-V), noivado (estrofes VI-XXI) e casamento (estrofes XXII-XL).

Antes mesmo de João da Cruz, já Santa Teresa havia encetado sua obra *"Meditação sobre os Cantares"*, também conhecida como *"Conceitos do Amor de Deus"*. De há muito a grande mística estava



preparada para compreender e comentar o polêmico livrinho bíblico. Quem não estava era a Inquisição. Por isso, sabendo do seu projeto, um dos seus confesores, o Pe. Diogo de Yanguas, advertiu-a cautelosamente a que abandonasse o perigoso empreendimento: primeiro, pelo delicado assunto do livro em si; segundo, pelo fato mesmo de ela ser mulher! Seria preferível que ela própria queimasse o manuscrito, antes que a Inquisição atirasse ambos à fogueira: livro e autora!

Foi o que Teresa fez incontinenti, após já haver escrito sete capítulos, os quais, não obstante, chegaram até nós graças aos ardis de uma monja, que copiara furtivamente cada capítulo à medida que Teresa os ia compondo.

Diferentemente dos demais textos citados, o Cântico dos Cânticos procura individualizar a "esposa". Esta já não é apresentada como uma coletividade, um povo, uma nação, uma Igreja... porém, como uma pessoa. E é por esta triilha que enveredam os nossos grandes místicos: o matrimônio espiritual é a união íntima e transformante entre Deus (mais expressamente Cristo) e a alma humana.

Também aqui não falta o imprescindível embasamento bíblico. O próprio Jesus é bem explícito: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e Meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada" (Jo 14,23).

A morada de que fala Jesus ins-

pirou as *moradas* do "Castelo Interior", de Santa Teresa. Por sinal, as últimas (as sétimas) ocupam-se justamente do matrimônio espiritual. A santa reconhece que a comparação da união transformante com o matrimônio humano é muito pobre, havendo léguas de distância entre o símbolo e a realidade. Todavia, ela se sente constrangida a usá-la por não encontrar outra mais adequada.

A experiência pessoal de São Paulo foi fundamental para a individualização da *esposa mística*. Na primeira Carta aos



Coríntios, ele evoca o grande princípio bíblico que alicerça o matrimônio humano: "O homem, unindo-se à sua mulher, forma com ela uma só carne" (Gn 2,24), para logo em seguida acrescentar: "aquele que se une ao Senhor, constitui com Ele um só espírito" (1Cor 6,16-17).

E Paulo não o vê como uma simbologia abstrata e distante; bem ao contrário, é a experiência que ele próprio vivência: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho

de Deus, que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim" (Gl 2,20).

João da Cruz descreve assim o matrimônio espiritual: "Trata-se de uma transformação total no Amado; nela se entregam ambas as partes por inteira posse de uma a outra, com certa consumação de união de amor, em que a alma é feita toda divina, e se torna Deus por participação, tanto quanto é possível nesta vida" (Cântico Espiritual, XXII,3).

Evidentemente, tal união exige uma semelhança de naturezas, a fim de que possa acontecer a identidade de pessoas. O que só é possível através de uma intervenção divina. É o que nos atesta a segunda Carta de Pedro, com palavras carregadas de solenidade: "Pois que o Seu divino poder nos deu todas as condições necessárias para a vida e a piedade, mediante o conhecimento d'Aquele que nos chamou pela Sua própria glória e virtude. Por elas nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina, depois de vos libertardes da corrupção que prevalece no mundo como resultado da concupiscência" (2Pd 1,3-4).



Geraldo de A. Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, (Roma) e Prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE.

O Cristianismo no

Ronaldo Mazula

Edito de Milão

No primeiro artigo desta série, História da Igreja, AM 2 /97, foi exposto que o Cristianismo nasceu e se desenvolveu dentro da estrutura do antigo Império Romano. No número passado, foi tratado o tema das perseguições nos primeiros séculos, época muito difícil para os cristãos, mas que provocou um amor radical a Cristo e uma adesão e fidelidade inquebrantáveis à Igreja.

Com o Edito de Tolerância, em 311, os cristãos passam a ser aceitos, mas a emancipação completa, será com a assinatura do Edito de Milão, em 313. Desse documento imperial, assinado pelos imperadores Constantino e Licínio, o Cristianismo passa a ser uma 'religião lícita'. Mais tarde, com o Imperador Teodósio, no final do século IV, será a religião oficial do Império Romano, e os cultos e as religiões pagãs deixam de ser reconhecidos e tolerados em todo o Império Romano. Esse fato provocará grande mudança na estrutura eclesial cristã.

No século IV os cristãos representavam uns 12% da população imperial, ou seja, em torno de 5 a 7 milhões. No final do século, quase toda a população imperial será batizada, quase que obrigatoriamente, pois muitos se convertem ao Cristianismo por interesse ou em busca de *status* e poder social. Como afirmam muitos Santos Padres deste período, a Igreja 'cres-



ce em número, mas diminui em santidade'. Infelizmente, nem sempre a quantidade representa a qualidade.

Com essa mudança a Igreja teve de se organizar:

— grandes igrejas são construídas;

— a liturgia se torna muito mais rica, surgem novos ritos e a espiritualidade cristã é cada vez mais conhecida;

— iniciam-se os grandes concílios ecumênicos (Nicéia, Constantinopla, Éfeso, Calcedônia), convocados para resolver problemas ligados à organização e vida eclesial e, principalmente, para solucionar o grave problema das heresias que dividiram a Igreja e a vida imperial;

— a reflexão teológica se desenvolve fortalecendo o dogma e

sua sistematização;

— cresce a atividade missionária, principalmente diante da possibilidade de se evangelizar os povos bárbaros;

— a estrutura social e a política romana vão absorvendo os valores da ética cristã, fazendo com que os valores do Evangelho sejam assumidos por toda a população imperial.

O grande defensor e intercessor do povo será o bispo de Roma, sucessor de São Pedro. Ao Papa se dirigem os pedidos de proteção da parte do povo romano. Assim, pouco a pouco, o Papa que já tinha uma liderança eclesial muito grande, torna-se um 'senhor temporal', pois é tratado com respeito pelos chefes políticos da época e passa a administrar um território cada vez maior. Na Idade Mé-



império romano

dia, com a criação do Sagrado Império Romano-Germânico, o poder papal crescerá muito e chegaremos, a partir do século XI, àquela situação em que o poder temporal dos papas será muito grande e será conhecido como o período do “apogeu do papado”. Esse período será de muitas luzes mas, também, de muitas trevas, pois muitos papas estarão mais preocupados com a manutenção do poder e das riquezas da Igreja que com o bem espiritual dos cristãos. Muitas vezes, usarão da força para conseguir seus objetivos, relegando para o segundo plano os mandamentos do amor e da caridade.

O monacato cristão

No primeiro século já existiam no seio da Igreja primitiva os *ascetas*, *ermitães* ou *anacoretas* (homens que deixam tudo e se retiravam à solidão dos desertos, das florestas e dos lugares mais distantes para se dedicar à vida espiritual) e *virgens* (mulheres que, embora vivendo com suas famílias, se consagravam totalmente a Deus e viviam em oração e prestando serviços caritativos em suas comunidades). Esses homens e mulheres viviam sozinhos e com poucos vínculos com a comunidade eclesial e não muito preocupados em organizar mosteiros ou casas de vida comum. É claro que existiam aqueles que ajudavam os iniciantes na introdução da vida anacorética e ascética como

Santo Hilarião, Santo Antão, etc.

Com as perseguições, muitos fugiam e se retiravam para o deserto e se consagravam a Deus. A partir do século IV vai se desenvolver o *cenobitismo*, ou seja, a vida comum. Era muito difícil, para os que queriam se retirar para servir a Cristo, viver nos desertos e florestas sem uma estrutura capaz de dar estabilidade. São Pacômio dá os primeiros passos para essa organização da vida em comum seguido por vários outros grandes expoentes e incentivadores como São Basílio, Santo Agostinho, São Bento (o pai do monacato ocidental), etc. O monacato gerou grande número de santos e santas, missionários, teólogos, filósofos e bispos. Em torno dos mosteiros surgiram cidades, bibliotecas, escolas e técnicas agrícolas.

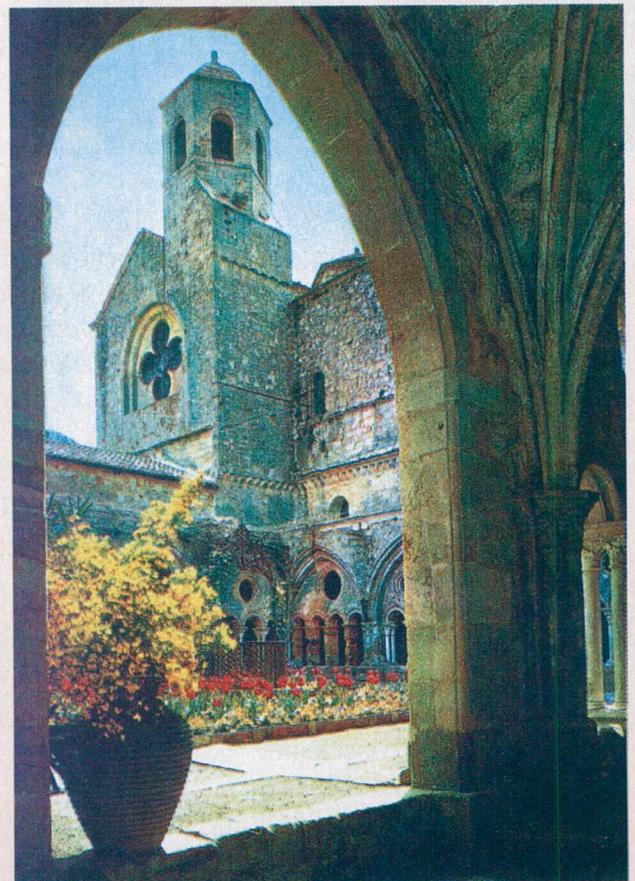
Foi um período fecundo em que a Igreja se desenvolveu em todos os setores e adquiriu uma consistência inquestionável, dando-lhe forças para cumprir com dignidade, apesar dos seus erros históricos, a mis-

são evangelizadora, que lhe fora confiada por Cristo.

Os povos bárbaros

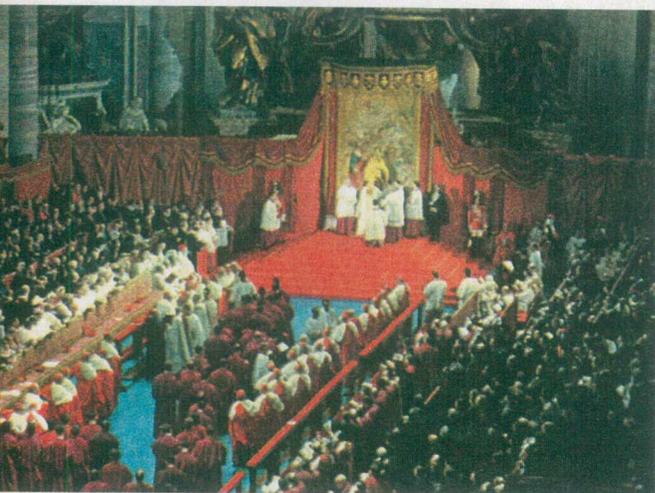
A partir do Edito de Milão os cristãos têm mais liberdade de ação. É claro que mesmo no primeiro século os cristãos já chegavam a várias regiões que não eram dominadas pelos romanos.

O Império Romano era o grande fascínio dos povos germânicos e eslavos, conhecidos como bárbaros, por serem rudes e não terem alcançado o progresso dos ro-



manos. Por isso, vários povos do norte e leste europeu ameaçam as fronteiras do Império, que vai se debilitando, até a queda em 479.

Vários destes povos eram pagãos, alguns já conheciam rudimentos da fé cristã e outros já conheciam várias heresias. Tanto os que já estavam dentro das fronteiras do Império como os que estavam fora, precisavam ser evangelizados. Foi necessário um trabalho intenso e árduo, que durou vários séculos. Os missionários, em



sua grande maioria, monges, percorreram toda a Europa, evangelizando godos, visigodos, lombardos, ostrogodos, frisios, francos, etc.

Um destaque especial ao povo franco, que se converteu diretamente do paganismo ao Cristianismo, quando o rei Clóvis foi batizado em 496. Na Idade Média será este povo que dominará todos os outros povos e, pelo fato de ser cristão, levará e, em alguns momentos, imporá a religião cristã, o que não é positivo, pois toda opção religiosa deve ser livre e consciente.

Esse povo se torna uma potência e a aliança entre eles e a Igreja fará com que nasça o Sagrado Im-

pério Romano-Germânico, no ano 800, quando Carlos Magno foi coroado pelo Papa Leão III.

O Papado fortalecido

Quando os povos bárbaros começam a invadir as fronteiras do Império Romano, este começa a entrar em crise que terá seu ponto alto na deposição do imperador Rômulo Augústulo no ano de 476.

A queda do Império Romano não se deu só por causa desta invasões, outros motivos contribuíram: a depravação dos costumes, as imoralidades, a falta de seriedade e espírito de sacrifício e de trabalho dos cidadãos do Império, as lutas pelo poder que geravam muitas mortes, golpes militares e desestabilização política, a crise econômica, a manutenção de um grande exército, etc. Era inevitável a queda.

Estejamos atentos, porque esta queda do Império Romano só se deu na parte Ocidental do império. A parte Oriental só cairá no ano de 1453, quando os turcos otomanos dominam Constantinopla.

Estejamos atentos, porque esta queda do Império Romano só se deu na parte Ocidental do império. A parte Oriental só cairá no ano de 1453, quando os turcos otomanos dominam Constantinopla.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.



“Senhor,
o nosso
coração
está inquieto...”

Santo Agostinho

JOVEM
VOCÊ ESTÁ INQUIETO?

Você
teria
coragem
de dedicar
sua vida ao
serviço do
Reino de
Deus?



Agostinianos

UMA COMUNIDADE DE
IRMÃOS E DE AMIGOS EM
BUSCA DE
NOVAS FRONTEIRAS

Paróquias, Colégios, CEBs, Missão,
Assistência e Promoção Humana,
Grupos de Solidariedade

FREIS AGOSTINIANOS

Seminário Santo Agostinho
Caixa Postal 62 - 12900-000
Bragança Paulista - SP
Tel.: (011) 7844-1771

Secretariado Vocacional
Rua Bernardo Guimarães, 2700
Santo Agostinho
30140-082 - Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 337-3101

Comunidade de Teologia
Rua Nagasaki, 385
09940-210 - Diadema, SP
Tel.: (011) 746-1464



Nossa Senhora de Bolonha

Roque Vicente Beraldi



Todos os anos, 2m Bolonha, norte da França, no dia 15 de agosto, há uma grande procissão em honra de Maria. Sai da igreja rumo ao mar, passando por ruas enfeitadas. Uma barquinha guia o préstito marítimo em homenagem à Padroeira. Leva Nossa Senhora que recebe o nome da cidade. É chamada, também, padroeira dos marujos.

Essa devoção data de 636. Conta-se que, naquela época, cristãos de Jerusalém e Antioquia, para impedir que a imagem da mãe de Deus com o menino ao colo, fosse profanada pelos sarracenos, foram até o mar Mediterrâneo e colocaram a imagem num pequeno barco e o deixaram à deriva. O admirável é que chegou ao porto bolonhense. A efígie foi recolhida com grandes festas e entronizada na igreja da cidade, que lhe deu o nome de Nossa Senhora de Bolonha.

No tempo de Henrique VIII, 1544, soldados ingleses assaltaram a cidade, e levaram a milagrosa Padroeira como um troféu. Porém, uma peste (que eles pensaram ter sido castigo pelo roubo) fez que devolvessem a imagem ao seu trono na França.

Em 1767, protestantes franceses quiseram destruir a imagem e não conseguiram. Enterraram-na, então, perto do castelo de Houvault. Depois, retiraram-na daí e a jogaram num poço. Dizem que, ainda

hoje ele existe. Seu proprietário se converteu à fé católica e devolveu a imagem à sua sede.

Em novo ataque, em 1793, os hereges, apoderam-se da efígie sagrada e a destruíram. O povo fiel encontrou depois uma das mãos, que ainda hoje é venerada pelos peregrinos.

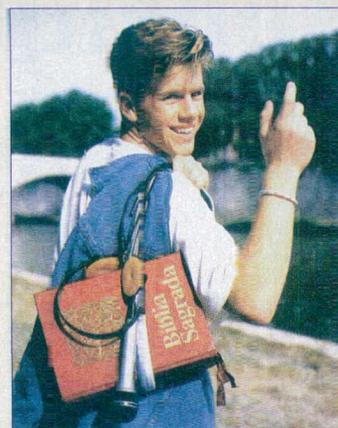
Em 1814, um sacerdote da cidade de Paris foi para Bolonha. Colocou cópia da imagem milagrosa no seu altar. Reconstruiu o santuário, que foi elevado a catedral, consagrada em 1836.

Oração a Nossa Senhora de Bolonha

Querida mãe de meu Jesus e minha, ensina-me a suportar as dificuldades da vida, como padecestes os sofrimentos profetizados por Simeão quando vos disse, "uma espada transpassará tua alma" (Lc 2,35). Que as preces deste mundo não me amedrontem, para que eu possa alcançar vitória sobre elas e reinar convosco nos céus para sempre. Amém.



Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano. Diretor do Seminário Claretiano de Curitiba.



Senhor, que queres que eu faça?

Nós, paulinos, acreditamos na evangelização com os meios de comunicação.

Jovem, se você deseja conhecer melhor a vida e a missão dos Paulinos, escreva para:

Centro vocacional paulino
Caixa postal 173
95001-970 Caxias do Sul, RS
Tel.: (054) 229.4555

Rua das Camélias 640
Grécara Primavera
13087-650 Campinas - SP
Tel.: (0192) 55.5343

Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo - SP
Tel.: (011) 810.3742

Henrique II (973-1024) e Cunegundes (978-1039) 13 Julho

Ronaldo Mazula

A Idade Média, época histórica de transição em que, no entrecruço de povos bárbaros, iam se esboçando as nações europeias possuiu numerosos reis que se projetaram como fúlgido exemplo de vida cristã a seus súditos como Eduardo na Inglaterra, Luís IX na França, Fernando em Castela, Leopoldo na Áustria, Estêvão na Hungria, Canuto na Dinamarca, Olavo na Noruega. Entre estes, o casal Henrique II e Cunegundes. (Cf. CONTI S., *O Santo do dia*, Vozes, Petrópolis 1990, p. 302).

Internamente, em todos os países, o advento das tendências modernistas, provocará o desmoronamento das estruturas medievais. Os reis deste período terão problemas com as nobrezas e deverão ter grandes dotes. Por outro lado, a Igreja vive, nessa época, uma crise imensa, pois em Roma não há imperador e, a partir de Carlos Magno (+814), o Papado não encontra o apoio tido com este grande rei cristão: os nobres romanos se apoderam do Papado, que se torna um joguete em suas mãos: é o período do 'século de ferro', em que há papas indignos e uma nobreza ambiciosa dominando a Igreja. Nessa época se destacam Henrique e Cunegundes.

Henrique II, o Bávaco, conhecido também como o Pacífico, nasceu numa família cristã. Educado cultural e espiritualmente por

monges e por São Wolfgang, bispo de Ratisbona, dedicou-se a estabelecer a autoridade num mundo conturbado e desunido pela dispersão feudal. Contudo, Henrique demonstrou ser monarca de ampla visão, de tino administrativo, prudente e firme em suas decisões. Extremamente piedoso, dedicou-se com vivo interesse a promover também a religião, fundando várias dioceses, mosteiros e promovendo a evangelização das regiões ainda pagãs.

Em atenção a seus méritos, o Papa Bento VIII coroou a Henrique imperador do Sacro Império Romano (1014). Com a esposa Cunegundes viveu na mais perfeita harmonia de afetos e de ideais, por 27 anos, e contribuindo, os dois, para a organização e consolidação do império nas bases da justiça e da concórdia." (Cf. CONTI S., op. cit., p. 303). Henrique morreu venerado por seu povo como santo e foi canonizado pelo papa Eugênio III, no ano de 1146.

Cunegundes era uma princesa de Luxemburgo, formada cristãmente, mulher de elevadas virtudes, exemplar esposa, dedicada ao esposo e aos pobres. Após a

morte de Henrique II, em 1024, ela entrou para o mosteiro de Haufungen e viveu como consagrada 15 anos, até a sua morte, em 1039. Foi sepultada ao lado do santo esposo e canonizada em 1200.

Atualmente, fala-se muito em crise da família, do matrimônio: casamentos malpreparados e precipitados, divórcios, brigas e falta de carinho e afeto entre esposos; libertinagem e leviandade de jovens e casais, infidelidade e egoísmo, etc. É claro que os cristãos também são influenciados. Mais do que nunca, precisamos acreditar na família e em homens, mulheres e casais como Henrique e Cunegundes:

• casal cristão fiel e que vive intensamente o sacramento matrimonial;

• esposo que exerce sua atividade profissional apoiado pela esposa e que encontra nela apoio e ajuda nos seus anseios e objetivos;

• esposa que acompanha o esposo ajudando-o na construção de uma sociedade mais justa e plena dos valores evangélicos;

• governante justo, atento aos mais pobres e sofredores.



Estátuas deitadas (tampa da sepultura) de Henrique II e de Cunegundes. Catedral de Bamberg, Alemanha.



São Cristóvão - (250) 26 Julho

As razões do conflito entre o Estado e a Igreja no século III são várias: a coesão do Império romano, fundada na unidade religiosa, é necessidade vital por causa da pressão inimiga nas fronteiras norte e leste; a festa do milenário da fundação de Roma (em 248) atraía naturalmente a atenção sobre a tradição romana, diante da qual o cristianismo aparecia como traição. A “pietas romana”, desde sempre, atribuía aos deuses todo o sucesso privado ou político; ela exige, em todas as situações difíceis, o tribunal contra os cristãos, que se recusam a adorar os deuses. As perseguições contra os cristãos, agora, feitas por iniciativa do Imperador, fracassaram — os cristãos são muito numerosos; as provas contra eles são insuficientes e, toda vez, o “acaso” impede a execução eficaz das medidas tomadas.

Entre os cristãos, a necessidade de fazer sempre as contas com a perseguição e a morte, multiplica o número dos fiéis inabaláveis. Tortura e martírio não fazem senão aumentar sua irradiação. (Cf.: FROHLICH R., *Curso Básico de Hist. da Igreja*, Paulus, SP 1987, p. 23).

Internamente, surgem algumas discussões teológicas que abalam a tranquilidade eclesial: monarquianismo, *sobre a questão trinitária*; milenarismo, *sobre a questão da segunda vinda de Cristo*; controvérsias penitenciais, *sobre a readmissão ou não dos apóstatas e lapsos das perseguições à comunhão eclesial*; agnoscemanie, *sobre a questão da*

corporeidade e da alma. Por outro lado, fortalece-se a autoridade dos bispos, que orientam e garantem a verdade na Igreja. Finalmente, a Igreja sofre com as perseguições que provocam um grande número de apóstatas e lapsos (*os que negam a fé em Cristo e na Igreja*) e de mártires (*que testemunham a fé com a morte*) motivo de orgulho para a Igreja.



São Cristóvão (mosaico)
Igreja de São Marco, Veneza.

Nesse período vive São Cristóvão, mártir cristão que nasceu na Palestina e tem seu culto muito difundido já na antiguidade cristã. Em 452 já existe, na Calcedônia, uma igreja dedicada a ele. Era pagão e, segundo antiga tradição, um homem fortíssimo e de grande estatura. Prestava servi-

ços militares para generais e senhores e dizem que chegou até a adorar o demônio, tamanha sua ambição e vontade de servir. Porém, ouvindo falar que o próprio demônio temia a cruz, quis conhecer o cristianismo. Um eremita o aconselhou a se converter. Retirou-se a uma pequena cabana e, como tinha dificuldades para se dedicar à meditação, santifica-se pelas obras de caridade carregando e baldeando os que queriam atravessar um rio perigoso. Também se dedica à penitência e oração. Numa noite uma criança lhe pede para ser levada à outra margem e, no meio do rio, ela começa a ficar muito pesada, quando Cristóvão não agüentava mais, o menino lhe diz que estava carregando o Senhor do Mundo.

Sua caridade era reconhecida por Deus, porém será glorificado com a coroa do martírio na perseguição de Décio, no ano 250. O nome Cristóvão significa: aquele que carrega, porta o Cristo.

Hoje, quando ambiciosos querem dominar os mais fracos, buscando o poder a qualquer custo; quando crescem o egoísmo, o individualismo, precisamos de homens como Cristóvão, modelo de:

- cristão que se converte radicalmente e serve a Deus e ao próximo;
- homem que coloca seus dotes em comum; e procura e se entrega a Deus e à verdade totalmente;
- cristão caridoso que carrega os irmãos sobre os ombros, ajudando-os em suas dificuldades e debilidades.



O LEITOR PERGUNTA

Senhor Diretor, até há poucos anos usava-se o termo PROTESTANTE para distinguir os cristãos não católicos e, desde então, os PROTESTANTES passaram a autodenominar-se EVANGÉLICOS, modificação essa que eu não reconheço e acho que nenhum católico deveria reconhecer, mas tenho visto muitos padres e a revista AVE MARIA dizerem CATÓLICOS e EVANGÉLICOS. Eu gostaria que essa revista nos esclarecesse a respeito desse assunto.

O dicionário *Aurélio* não diz que a palavra EVANGÉLICO é privilégio dos protestantes. Parabéns pelo Centenário

Geraldo de Lima Coimbra



Evangélico, num sentido mais amplo, é tudo aquilo que se relaciona com o Evangelho. Por exemplo: espírito evangélico, isto é, sentimento, princípio, ideal que procede e/ou está em consonância com o Evangelho.

trabalho evangélico: toda a atividade cujo objetivo é evangelizar, levar a boa nova, a esperança, a salvação, etc.

Num sentido mais restrito, quando aplicamos a qualquer instituição confessional cristã, nomeando os presbiterianos, ou anglicanos, ou luteranos, etc., não quer dizer que os católicos não tenham espírito evangélico ou não façam trabalho evangélico.

Embora se use freqüentemente a palavra "evangélico" para designar o fiel de uma outra instituição cristã, não quer dizer que a palavra seja privilégio dos protestantes.

O batizado, por seu caráter sacramental é, mais precisamente, um evangelizador, anunciador da boa nova de Jesus.

GRAÇA RECEBIDA

Ana Rita de Oliveira Fernandes agradece ao menino Jesus de Praga por graça recebida.

Em Presidente Bernardes, MG, **Maria da Conceição Vidigal Carneiro**, agradece ao Imaculado Coração de Maria e ao Coração de Jesus por graça recebida.

NA PAZ DO SENHOR

Em Bca Esperança, MG, **Gabriel José Junqueira**, aos 7 de abril de 1998, com 80 anos de idade.

Em Nepomuceno, MG, **Olívia Botega Tonetti**, aos 17 de junho de 1997, com 84 anos de idade.

Em Franca, SP, **Jairo Antônio de Souza**, aos 14 de março de 1997, com 48 anos de idade.

Em Monte A. do Sul, SP, **Rosa Michelli** a 1º de maio de 1997.

Em Três corações, MG, **Maria Inês F. Caselato**.

Em Itapira, SP, **Antônio Bertini**, aos 22 de Abril de 1995, com 65 anos de idade.



Em Rio Claro, SP, **Artur Christofolletti**, aos 28 de janeiro de 1998, com 91 anos e mais de 50 como assinante desta revista.



Em Três corações, MG, **Maria do Carmo Zeringotha Loureiro**, aos 12 de março de 1998, com 97 anos, foi assinante da revista durante quase 70 anos.



Em Ouro Fino, MG, **Maria Judith Sainato Nunes**, aos 23 de fevereiro de 1998, com 95 anos de idade.



O fio da História

Wimer Botura Jr.

Já foi provada, cientificamente, a importância dos primeiros anos de vida do homem no desenvolvimento de sua personalidade. Hoje, sabemos que um indivíduo terá uma vida madura, mais saudável, se sua infância tiver sido agradável. As dores, angústias ou prazeres que experimentamos quando adultos têm suas bases na criança que fomos.

Embora esta idéia seja suficientemente divulgada, a maioria das pessoas ainda não a leva a sério. De maneira geral, pensamos que os problemas acontecem ao acaso, uma imposição do destino.

Ora, nada acontece por acaso, nem as doenças. Os distúrbios de comportamento, o uso de drogas e as angústias, também não. Todos os fatos, tudo o que nos acontece é consequência de uma história anterior, bem ou mal resolvida.

Seguindo esta direção, a ciência moderna chegou a um novo procedimento: a prevenção. Hoje, a psicologia pode prever distúrbios e resolver possíveis conflitos em função do conhecimento dos primeiros anos de vida do indivíduo. A própria medicina consegue saber se uma pessoa é passível ou não de sofrer uma determinada doença, analisando o tipo de vida que ela leva, sua história pessoal, suas relações pessoais e profissionais, etc.

Mas, mesmo com a ciência mostrando uma série de estudos sobre as variantes da história e desenvolvimento do ser humano,

os preconceitos e os mitos persistem, e muito, em nossa sociedade.

Talvez, os mais perigosos tenham se incrustado na relação homem-mulher e, conseqüentemente, no exercício da paternidade.

Ainda estamos vivendo, na história atual, as conseqüências de histórias anteriores. E isto pode ser comprovado com nossas atitudes diárias.



Há muitos exemplos que podem ser trazidos para a relação pais-filhos. Muitos pais que foram rebeldes na juventude transformaram-se em pais repressores que impedem as idéias novas de seus filhos. Os pais que desistiram

da luta vão obrigar seus filhos a desistir também. Inconscientemente, reproduzimos conceitos antigos que já não fazem mais sentido nos dias atuais.

Dessa forma, agimos com nossos filhos de acordo com normas e regras que não criamos — são apenas herança dos nossos antepassados.

Há pouco tempo, por exemplo, um título universitário era importante para o *status* de uma família; hoje, pode não ser mais, apesar da pressão dos pais para que os filhos adotem este valor a qualquer custo. No século passado, a mulher era preparada única e exclusivamente para o casamento e a procriação. Hoje, ela tem o direito de optar pela sua vida, embora determinadas escolhas impliquem sentimentos de culpa em relação aos filhos, jornada dupla de trabalho, dentro e fora do lar, ou mesmo frustração, se a mulher decide cuidar apenas da casa.

A todo o momento, surge diante de nós a contradição entre o passado e o presente: vivemos o presente com as atitudes que nos foram deixadas pelo passado e que podem não fazer mais parte deste momento histórico. Por causa dessa defasagem, vivemos dois tempos paralelos e diferentes.

Determinados adultos, por exemplo, criam regras contra os adolescentes, esquecendo-se de que também já foram jovens. Muitas escolas exercem um controle

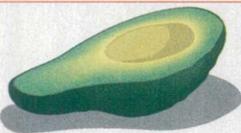
(continua na página 31)

Entrada

Abacate com tomate e molho de manjericão à vinagrete

Ingredientes

- 2/3 de xícara de cebola picada
- 8 folhas de manjericão fresco bem picado
- 1/3 de xícara de vinagre de vinho tinto
- 1 3/4 xícara de tomates maduros, sem sementes e picados
- 3/4 de colher/chá de pimenta-do-reino
- 2 colheres/chá de sal
- 1 colher/chá de açúcar
- 2/3 de xícara de azeite
- 4 abacates médios maduros e gelados.



Modo de preparar

1. Em uma tigela misture o manjericão e o vinagre.
2. Junte os tomates, a pimenta, o sal, o açúcar e o azeite. Deixe descansar por 2 a 3 horas.
4. Corte os abacates ao meio pelo comprimento e retire o caroço. Com o cortador de bolinhas de melão faça algumas bolinhas retiradas de cada abacate.
5. Faça alguns cortes no interior dos abacates: aqueça ligeiramente o molho e coloque às colheradas nas cavidades das metades dos abacates.
6. Ponha na superfície as bolinhas de abacate e sirva imediatamente. Dá 5 porções.

Prato principal

Frango com purê de batata

Ingredientes

- 1 quilo de peito de frango com ossos
- 1 quilo de batata
- 1 lata de creme de leite
- 1 vidro de requeijão
- sal a gosto
- 5 ou 6 tomates sem pele e semente bem cortadinho
- cheiro verde, alho, cebola e manjericão
- 1 colher de margarina
- 1 copo de leite



3. Cozinhar as batatas, espremê-las e fazer um purê com a margarina e o leite.
4. Bater bem e, quando pronto, juntar 1/2 lata de creme de leite. Reservar.
5. Com os tomates, fazer um molho bem temperado. Usar só a água em que o frango foi cozido. Depois de pronto, colocar 1/2 lata de creme de leite.

Montagem

Modo de preparar

1. Tempere o frango e deixe descansar.
2. Cozinhá-lo com todos os temperos até ficar macio. Tirar do fogo, cortar em pedaços pequenos. Reservar a água em que foi cozido o frango.

1. Untar um pirex com margarina.
2. Colocar o frango picado.
3. Em seguida o purê. Sobre este fazer pequenos buracos e colocar colheradas de requeijão.
4. Por último colocar o molho de tomate. Se gostar, adicionar queijo ralado.
5. Levar ao forno quente por mais ou menos 20 min.

Sobremesa

Maria-mole

Ingredientes

- 1 pacote de gelatina sem sabor
- 1 e 3/4 de xícara de açúcar
- 1 xícara de água
- 3 claras em neve.

Modo de preparar

1. Bater as claras em neve, juntar o açúcar.
2. Em seguida colocar a gelatina dissolvida em

- água morna. Bater até dar ponto, adicionar umas gotas de baunilha.
- 3. Despejar em forma retangular e untada com pouco de óleo.
- 4. No dia seguinte cortar e passar os pedaços em côco ralado.
- 5. Se gostar, passar o côco em frigideira em fogo brando para dourar ligeiramente, tomando-se cuidado para não queimar.



Deus não falha!



19º Domingo do Tempo Comum
09 de agosto de 1998

1. MOTIVAÇÃO INICIAL

Quem de nós não se surpreende com as injustiças, com o avanço do mal, em casa, em nossa cidade e no País? Nossa fé é submetida a duras provas. Como virá até nós o seu Reino? A liturgia de hoje dá uma resposta profunda ao nosso desapontamento.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura – Sb 18, 6-9

O povo de Deus, quando se sentiu explorado e oprimido, foi levado a meditar sobre seu passado. Deu-se então conta de que Deus sempre o havia protegido, como fizera no Êxodo. Lá, enquanto os inimigos estavam envoltos pelas trevas, os hebreus eram acompanhados por uma coluna de fogo, ou seja, pelo próprio Senhor que os guiava por caminhos desconhecidos. Oprimidos, mas libertos interiormente, decidiram todos participarem dos mesmos bens e dos mesmos perigos.

2ª Leitura Hb 11, 1-2.18-19

Paulo dirige-se aos judeus que tinham abraçado a fé cristã. Estes estavam desanimados. Perguntavam-se por que estavam sendo vítimas de

tantos sofrimentos. Sua terra fora dizimada pelos romanos. Não bastasse estarem longe da pátria, eram perseguidos e condenados por seus próprios irmãos de raça. A eles, o apóstolo escreve: *A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito daquilo que não se vê.* E cita, como exemplo, Abraão e Sara. Lembra que, contra todas as aparências, creiam que sua posteridade seria tão numerosa como as estrelas do céu. Não obstante, morreram sem ter visto o cumprimento da promessa, a não ser um pequeno sinal: um filho fraco e a terra prometida, vista só de longe.

Evangelho Lc 12, 32-48

Jesus começa dirigindo uma exortação a seus discípulos: *Não temais, pequeno rebanho, porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o Reino.* Eles sentem medo. Sabem que são poucos e fracos, diante de um mundo hostil à sua mensagem. O mal é poderoso e canta vitória. Mas Jesus lhes garante que o reino de Deus virá porque não é obra do homem. É dom do Pai. E fornece a receita do sucesso: partilhar com os irmãos, o pão da mesa, o pão da palavra, do perdão e da acolhida. E como preparar-se para a chegada do Reino? Pacientemente, o Mestre lhes mostra como fazer, através de comparações, que todos entendiam. Não andar desesperados, só tratando de assegurar a roupa e a comida, porque a preocupação excessiva com isso não permite ampliar o horizonte da vida. O Pai cuidará dessas coisas. As lâmpadas acesas significam a vigilância com que se deve esperar a chegada do Senhor. *Bem-aventurados os servos a quem o senhor achar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: cingir-se-á, fá-los-á sentar à mesa e servi-los-á.* É esta a mais linda, a mais comovente de todas as imagens

com as quais a Bíblia descreve o reino de Deus. Mas, quando virá o Senhor? Ele poderá chegar, ou melhor, ele chega a qualquer hora. É ele quem bate à porta sempre que um irmão precisa de nós e nos pede socorro. Anunciar que não estamos atendendo seria o mesmo que dizer que não somos mais cristãos. A religião, às vezes se assemelha a uma casa cujos empregados não realizam seus trabalhos, mas cuidam só de si. Ela fica abandonada. Cada igreja trata de preservar seu espaço sem buscar um consenso que permita a todos crescer na fidelidade e no serviço. Que o Senhor não chegue e encontre seus servos lutando somente para ocupar um cargo mais alto ou para terem mais poder na casa! Respondendo a Pedro que lhe perguntara se a parábola se referia a todos, Jesus ensina que há dois tipos de administradores: um é prudente e o outro, negligente. O senhor os estabeleceu sobre os operários *para lhes dar, a seu tempo, a sua medida de trigo.* Portanto, não lhes deu autoridade para dominar, mas para servir. Os que agem como senhores, batendo nos servos e desperdiçando os bens terão de prestar contas a Ele.

3. CONCLUSÃO

O Senhor garantiu a salvação e realizará sua palavra. As leituras deste domingo despertam em nós a coragem que vem da esperança no Senhor do Reino. Deus está sempre passando com seus chamados: é essencial estarmos atentos e prontos para responder. Dirigentes ou não da comunidade somos convidados a prestar serviço desprendido e desinteressado na construção do Reino. Este se manifesta a partir dos pequenos que não devem ter medo. O Senhor não falha nunca! ●

O serviço de Maria



Assunção de Nossa Senhora
16 de agosto de 1998

1. SENTIDO DA FESTA

Hoje celebramos a assunção gloriosa de Maria. Nela, Deus dignificou todos os seres humanos, em especial as mulheres, tornando-os participantes de sua obra de salvação. O homem tinha posto a perder os planos de Deus com opressões, violências e desigualdades. Deus, em Jesus, convida o mundo para uma nova ordem, em que todos sejam igualmente dignos.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura - Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab

Alvo de perseguições, as comunidades percebem que a história é movida por forças positivas e negativas que determinam o desenrolar dos acontecimentos. E as forças negativas parecem ter o poder de destruir todas as esperanças de vida das comunidades. O autor do Apocalipse apresenta dois sinais que devem ser interpretados, iluminando a vida dos cristãos. O primeiro sinal grandioso aparece no céu. Trata-se de uma mulher, uma esposa-mãe. Representa, em primeiro lugar, Eva, a

mãe da humanidade (cf. Gn 3,15-16); é imagem do povo de Deus do Antigo Testamento (as doze estrelas); é Maria que dá à luz o Cristo. Mas é sobretudo as comunidades do tempo do Apocalipse. Elas têm dimensão celeste (o sinal aparece no céu) e terrena (encontram-se no mundo, procurando dar continuamente à luz o Cristo). O segundo sinal é o do dragão, a força hostil, aparentemente superior às forças dos cristãos (sete cabeças). É o poder opressor que se encarna em pessoas e arranjos sociais, dificultando o testemunho cristão, e procurando devorar os frutos e a vida das comunidades proféticas que resistem ao imperialismo romano (e aos imperialismos de hoje). Apesar de ter aspecto aterrador, seu domínio não é absoluto. Com a cauda arrasta um terço das estrelas (cifra que denota poder parcial). As comunidades, pela graça do Cristo ressuscitado, vencerão a opressão.

2ª Leitura - 1Cor 15,20-26

Um dos motivos que levaram Paulo a escrever aos coríntios foi a questão da ressurreição dos mortos. Para os de cultura grega era difícil aceitar que os mortos pudessem voltar à vida. Negando a ressurreição dos mortos, negavam também a ressurreição de Cristo. Paulo inicia, recordando o anúncio fundamental do Evangelho: Jesus morreu e ressuscitou. E as provas de que vive são os próprios apóstolos e muitos cristãos, aos quais ele apareceu depois de ressuscitado. Baseado nesse pressuposto, tenta levar à fé os que duvidam, apresentando provas da Bíblia. Cristo foi o primeiro fruto da ressurreição. Ele venceu a morte para sempre, abrindo as portas para a vitória da vida sobre a morte. Portanto, os mortos ressuscitarão também, como Cristo e, depois dele, Maria, sua Mãe.

Evangelho - Lc 1,39-56

Na anunciação, o anjo informara a Maria a respeito da gravidez de Isabel, com a garantia de que nada é impossível para Deus. Ao declarar-se serva do Senhor, ela concebe Jesus e, como sinal de seu serviço, dirige-se apressadamente à casa de Zacarias, ao encontro de Isabel. A cena mostra o encontro de duas mães agradecidas com o dom da fecundidade e da vida (Isabel era estéril e Maria não teve relações com nenhum homem); mostra também o encontro de duas crianças, o precursor e o Messias, ambos sob o dinamismo do Espírito Santo. Jesus havia sido concebido por obra do Espírito. João Batista exulta no seio de Isabel que, cheia do Espírito Santo, proclama Maria bem-aventurada. A mãe do Senhor canta a esse Deus, que está do lado dos pobres, que se ocupa em transformar o mundo para que seja um lugar de irmãos. É o Deus da misericórdia que realiza seu plano com os humildes. Glorificou uma jovem simples de Nazaré, tornando-a mãe da esperança. É esta fé que transforma o mundo de violência numa nova humanidade de vida e justiça.

3. CONCLUSÃO

Maria é figura e esperança dos que aspiram por liberdade e vida. Reforça a confiança dos pobres, ao mostrar que neles o Poderoso opera maravilhas de libertação. Serva fiel, bem-aventurada porque acreditou nas promessas de Deus, solidária com os necessitados, é mãe das comunidades que lutam contra os dragões que procuram matar as sementes do Reino e roubar-lhes a confiança. Unida intimamente a Jesus por sua maternidade e pela prática da Palavra, participa da vitória de seu Filho, primícia da vida em plenitude. ●



Receita para a salvação



21º Domingo do Tempo Comum
23 de agosto de 1998

1. MOTIVAÇÃO INICIAL

Pode acontecer, às vezes, que a pessoa mais esforçada na prestação de serviços à comunidade seja uma mulher que, infelizmente, não pode freqüentar os sacramentos, porque, tendo sido abandonada pelo marido, foi viver com outro homem. Por que alguns se sentem desestabilizados diante de fatos assim?

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura - Is 66,18-21

Os israelitas estavam convencidos de serem os únicos homens bons, justos e fiéis a Deus. Durante o exílio da Babilônia, porém, encontraram gente boa, simpática, generosa e hospitaleira. Com uma vida familiar exemplar, observavam princípios morais muito elevados. Enfim, havia lá pessoas melhores do que as do povo eleito! Naquele período, começou a surgir a idéia de que o Senhor não era só o Deus de Israel, mas de todos os povos e que ele os amava, sem distinção de raça ou nação. Finalmente, ouviram a promessa que lhes soava como a mais escandalosa: Deus iria escolher para si sacerdotes e levitas mesmo dentre os pagãos.

2ª Leitura - Hb 12, 5-7.11-13

Por que, embora tenhamos praticado o bem, somos atingidos por tantas angústias? Por que o vizinho, que é um trapaceiro, é bem-sucedido e tem sorte? A leitura de hoje se serve de um exemplo da vida familiar para explicar isso. Se um professor tem entre seus alunos também o próprio filho, não faz distinção: quer que todos se esforcem e assimilem as suas explicações. Se alguém não se comporta bem, ele o repreende; mas se for o seu filho, será mais severo com ele. Deus, sumo bem, não é o autor de nossas desgraças e sofrimentos. Isso procede da maldade dos homens e das circunstâncias da vida. Mas Deus se serve dos acontecimentos dolorosos que se abatem sobre nós para nos ajudar a crescer na vida espiritual.

Evangelho - Lc 13, 22-30

Jesus nos explica como se deve viver para não ser barrado no reino de Deus: *Procurai entrar pela porta estreita.* E como é possível passar por uma porta estreita? Os de grande estatura pela vaidade e os gordos pelo orgulho não passam. Por isso, no dia em que surgiu uma discussão entre os discípulos para saber quem era o maior, Jesus tomou um menino, colocou-o no meio deles e afirmou: Quem dentre vós for o menor, esse será grande. *Se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus* (cf. Mt 18,3). Todos são chamados a entrar no banquete que o Senhor oferece de graça. Basta reconhecer-se pecador e apelar para a misericórdia de Deus. Quem são aqueles que comeram e beberam com o Senhor e a quem ensinou em suas praças? São os que têm seus nomes gravados nos registros paroquiais, tomaram conhecimento do

Evangelho e participaram do banquete eucarístico, mas não se fizeram pequenos. E quem são os que já estão lá dentro? Abraão, Isaac, Jacó, os profetas e uma multidão incalculável, vinda dos quatro cantos do mundo. Não se afirma que toda essa gente tenha ouvido falar de Jesus e tenha estado com ele. Então, não é importante ser da Igreja? Sim. E devemos nos orgulhar disso. Mas não entraremos no reino de Deus, se desprezarmos os outros que não são da nossa Igreja. Não entraremos lá, se acharmos que somos donos da verdade. Se julgarmos que o Espírito Santo é só nosso e que não pode soprar onde ele quiser. Foi por isso que o Salvador usou expressões tão assustadoras. O risco de cair nesta trágica ilusão é muito grave e concreto. Não obstante, mesmo diante de palavras tão candentes, ainda há quem permaneça na prática apenas de um ritualismo estéril. Não se deixam nem tocar de leve pela dúvida de que um dia Jesus lhes possa dizer: *Não vos conheço!*

3. CONCLUSÃO

As leituras deste domingo nos ensinam que a salvação não é um assunto exclusivo dos movimentos religiosos nem das igrejas, nem de grupos. Ela está aberta a todos, incluindo os que não compartilham de nossas crenças religiosas ou que, simplesmente, não têm fé. Nosso dever não é parar à porta do Reino para vigiá-la e estorvar o passo dos outros. Devemos, sem dúvida, estar dispostos a prestar nosso serviço para orientar a quem deseja andar conosco. Mas o Senhor nos lembra de que não somos donos do caminho, mas caminhantes. Não somos os senhores do Mestre, mas seus discípulos. ●

Lição de humildade



22º Domingo do Tempo Comum
30 de agosto de 1998

1. MOTIVAÇÃO INICIAL

Quando atendemos um pobre e em agradecimento o ouvimos dizer: *Deus lhe pague, porque eu não o posso fazer*, estamos diante do mistério proclamado por Jesus: Dando acolhida aos que todos rejeitam, *serás feliz, porque eles não têm com que te retribuir; mas ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos*.

2. LEITURAS BÍBLICAS

1ª Leitura - Eclo 3,19-21.30-31

Sê modesto...comporta-te como uma pessoa humilde (vv. 19-20). O que isto quer dizer? Tudo o que somos, recebemos de Deus, é um presente dele. É, portanto, ridículo fazer ostentação dos dons de Deus como se nos pertencessem. Eles nos foram dados para que, por nossa vez, os comuniquemos aos irmãos. Humilde é aquele que, tendo consciência das próprias qualidades, coloca-se a serviço de todos e considera os outros como seus senhores, que podem exigir dele tudo aquilo de que necessitam.

2ª Leitura - Hb 12,18-19.22-24a

Os judeus que se tinham convertido ao cristianismo continuavam tendo uma certa saudade da religião dos seus antepassados. O autor da carta procura orientá-los, fazendo uma comparação entre a religião antiga, representada pelo monte Sinai, e a religião cristã, que tem como símbolo a nova Jerusalém. Os cristãos não se achegam ao monte Sinai para ter uma experiência assustadora de Deus; eles se aproximam de Cristo. Nele, descobrem o rosto de Deus, amigo dos homens. Sabem que podem dirigir-se diretamente ao Pai, sem qualquer receio.

Evangelho- Lc 14,1.7-14

Como vimos na 2.a leitura, agora, podemos chegar diretamente a Deus. Exemplo disso é Jesus, Emanuel – Deus conosco – sentado à mesa, convidado por um chefe fariseu. Não há festa da qual ele não participe; gosta, portanto, de ficar no meio dos homens, conversar, rir, brincar com eles. O nosso Deus não é o Deus distante e terrível. O nosso Deus é aquele que desce no meio dos homens, que come com eles, e quer vê-los alegres, tranquilos e felizes. Jesus observa os convidados que, seguindo os incorrigíveis costumes do oportunismo, buscam os primeiros lugares nas mesas. Querem parecer mais importantes diante dos chefes do que de fato são. Isso era uma prática muito freqüente entre os fariseus e os mestres da Lei que buscavam avidamente o prestígio. Jesus, porém, exorta-os a abandonar essa forma de viver, porque não é assim que se ganha o reconhecimento de Deus. Eles buscavam as honras humanas. Para Cristo, ao contrário, o importante é ser o primeiro no serviço, na compaixão e no amor. Pois

Deus gosta de exaltar os humildes e derrubar os poderosos (cf. Lc 1,46-56). Convida, portanto, o dono da casa a deixar o jogo dos favores políticos. Se ele convida uma pessoa importante para um banquete, este deverá retribuir. Desse modo, entra no tráfico de influência que determinará seu comportamento social. Jesus, portanto, não condena o banquete, mas as leis sociais que o convertem em um mecanismo de exclusão, marginalização e oportunismo. Cristo propõe que se busque uma comunidade alternativa em que todas as pessoas, especialmente as menos favorecidas, possam participar plenamente. Assim, abre-se espaço para a esperança e se vão realizando sinais que manifestam a presença do Reino entre homens e mulheres. Esta é a verdadeira felicidade: suscitar a esperança. Evidentemente, neste ponto, Jesus já não está falando daquela ceia. Suas palavras são uma parábola e se referem ao banquete do Reino, que – como tinham vaticinado os profetas – Deus teria um dia preparado para todos os povos (cf. Is 25,6). Seu discurso não tem como destinatário o fariseu, mas todos aqueles que, em nossos dias, na comunidade cristã, estão encarregados de organizar o banquete do Reino. São eles que devem ter a coragem de seguir os critérios opostos aos que são adotados pela nossa sociedade.

3. CONCLUSÃO

Como é a vida das nossas comunidades? Há ainda alguém que, por ser mais inteligente e mais preparado, quer dominar sobre os outros? Há alguém que tenta esconder as próprias qualidades para não ser chamado a servir? Nas nossas relações com Deus sobram alguns resquícios da *religião do Sinai*? 



(continuação da página 25)

rígido sobre o conhecimento e o pensamento infantil, negando a possibilidade do questionamento. Esquecem de seu papel transformador e educador.

Não é à toa que um grande número de pessoas tem um histórico de vida tão sofrido e amargo. Na maioria das vezes, o indivíduo tem a sensação de que está só e é impotente diante de tantas regras e, não encontrando nelas o eco de suas vontades, considera-se fracassado. Isto tem um sentido: a sua história pessoal está deslocada do contexto histórico! Vive simultaneamente dois tempos: o de suas necessidades e o das regras e exigências sociais.

Se não percebermos que cultuamos valores passados, dificilmente aprenderemos com os erros e perderemos o sentido de transformação e desenvolvimento. Pior, nos culparemos por tudo isso.

Normalmente, assumimos sozinhos os erros de um passado que desconhecemos, achando que nós criamos os problemas. É importante descobrirmos a possibilidade de ver e rever o processo integral que permeia nossas relações: adotamos condutas que, embora não tenhamos inventado, reproduzimos sem saber.

Basta olharmos para o passado para perceber isto.

Atualmente, discute-se muito a violência na família, o descontrole das relações afetivas e a punição aos pais.

Será que esta violência surgiu do nada, da fúria momentânea de um pai?



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra e psicoterapeuta.

Prêmio Margarida de Prata 98

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) decidiu conceder o prêmio **Margarida de Prata**, de 1998, na categoria de longa-metragem, ao filme *Central do Brasil*, de Walter Salles. O curta-metragem *Nelson Sargento*, de Estêvão Pantoja, foi agraçado na sua categoria. E o **Margarida de Prata** de vídeo foi para *Did*, de Márcia Derraik Barbosa. Essas três produções audiovisuais são



Fernanda Montenegro e Marília Pera, atrizes do filme *Central do Brasil*.

momentos marcantes da criatividade brasileira, afirmam valores fundamentais do nosso povo e merecem aplauso.

Central do Brasil mostra-nos a face sofrida dos excluídos e a sua imensa dignidade. Evidencia sua capacidade de vencer as adversidades com um inquebrantável espírito de luta e a consecução de soluções criativas. Esse olhar generoso do cineasta Walter Salles sobre o povo brasileiro cria uma forte identidade de sentimentos e estimula, no espectador, a solidariedade e a sede de justiça, na busca de uma sociedade mais fraterna e menos dividida. A trajetória de seus personagens centrais denuncia a existência

de um país desigual e injusto. Ao mesmo tempo, faz-nos descobrir que todos podemos ser um pouco melhores como seres humanos.

O criativo documentário *Nelson Sargento* revela um personagem de bem com a vida e com os valores que o norteiam.

Estêvão Pantoja envolve esse poeta popular, que é Nelson Sargento, numa espécie de afetuoso abraço que contamina integralmente os espectadores com sua irresistível

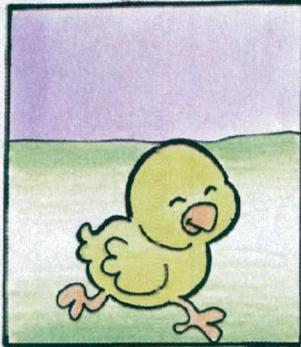
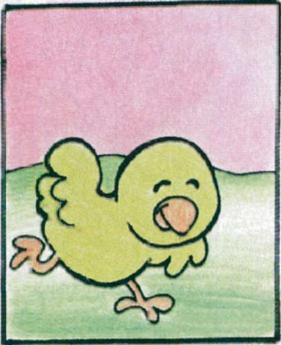
simpatia. Pantoja soube fazer um retrato interior de seu biografado, e nos emociona com seu exemplo de simplicidade diante da vida.

Dib, da jovem cineasta Márcia Derraik Barbosa, também é uma biografia. De novo, predomina aqui o afeto. O fotógrafo Dib Luft surge para o espectador com toda a sua vontade e importância para o cinema brasileiro. O vídeo foi realizado com uma surpreendente espontaneidade, patente em suas imagens e sons. Essa pureza estilística revela ainda os valores de um profundo humanismo que marca o desejo mais íntimo do nosso povo.





Lembram-se da historinha do número anterior?



... com aquele linda pintinha, expliquei à Kacilda, com carinho, como eu estava me sentindo com suas atitudes de ciúmes e egoísmo. Agora somos amigas inseparáveis.

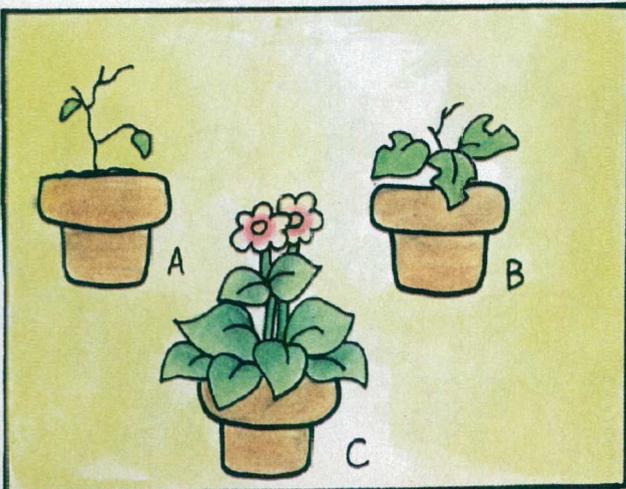
Um beijo Maira ♡

VAMOS Brincar!

QUE MENINO FOI TRATADO COM CARINHO?



QUE PLANTINHA FOI TRATADA COM CARINHO?



COMPLETANDO A CRUZADINHA, QUE PALAVRAS APARECEM NOS CÍRCULOS?

1 → 10 3

2 → 11

4 → 5

6 → 7 → 8 →

8 9 →

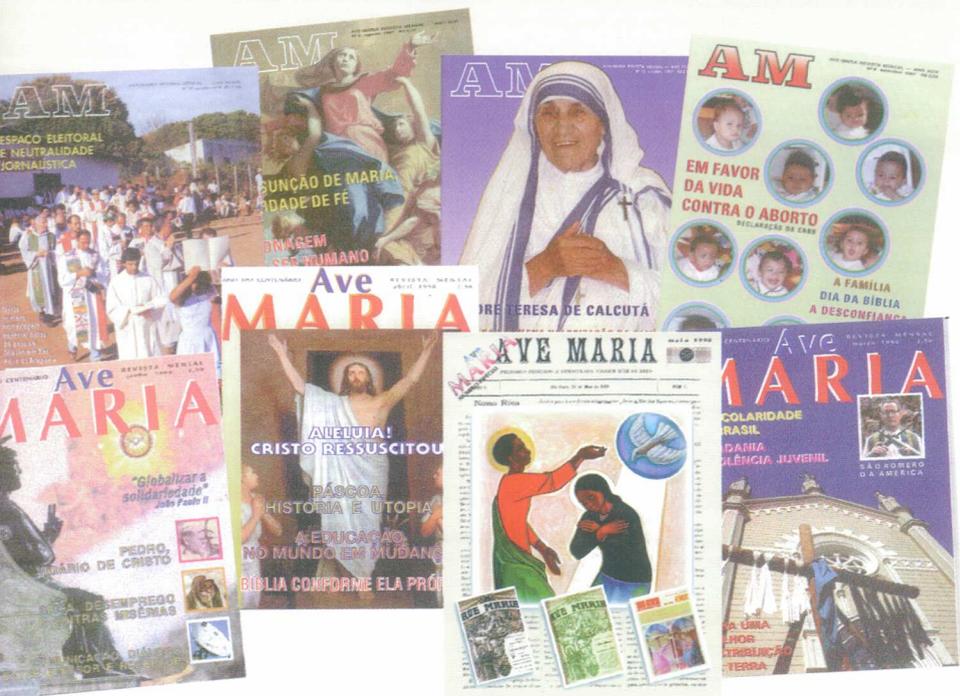
4 11 →





AVE MARIA

A PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666 2128 / 3666 2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

A revista AVE MARIA foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o Evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz. Divulgue Você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou alguém que Você estima ou quer bem? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos etc.. Você sentirá a satisfação de divulgar a mensagem cristã e mariana e todos os meses Você será lembrado(a) com admiração e alegria.

E é muito fácil e simples de fazer.

De qualquer parte do Brasil é só telefonar: (011) 3666-2128 ou 0800-55.5021.

IMPRESSO